

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!

Volume X

Deise Nanci de Castro Mesquita
Flávia Motta de Paula Galvão

Organizadoras



Deise Nanci de Castro Mesquita
Flávia Motta de Paula Galvão
Organizadora

**ESCOLA DE
EDUCAÇÃO BÁSICA
PARA TODOS!**

Volume X

1ª edição

Goiânia - Goiás
Editora Alta Performance
- 2023 -



Larissa Rodrigues Ribeiro Pereira
Diretora Comercial

Winstom Ercick Cardoso Pereira
Diretor Administrativo

CONSELHO EDITORIAL

ACADÊMICO

Prof. Me. Adriano Cielo Dotto (Una Catalão)
Prof. Dr. Aguinaldo Pereira (IFRO)
Profa. Dra. Christiane de Holanda Camilo (UNITINS/UEG)
Prof. Dr. Dagoberto Rosa de Jesus (IFMT)
Profa. Me. Daiana da Silva da Paixão (FAZAG)
Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita (Cepae/UEG)
Profa. Me. Limerce Ferreira Lopes (IFG)
Profa. Dra. Márcia Gorett Ribeiro Grossi (CEFET-MG)
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Profa. Dra. Maria Adélia da Costa (CEFET-MG)
Profa. Me. Patrícia Fortes Lopes Donzele Cielo (Una Catalão)
Profa. Dra. Rosane Castilho (UEG)
Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho (UFCAT)

CONSULTIVO

Nelson José de Castro Peixoto
Núbia Vieira
Welima Fabiana Vieira Borges

Copyright © 2023 by
Deise Nanci de Castro Mesquita
Flávia Motta de Paula Galvão

Editora Alta Performance

Rua 132-A, nº 100, Qd F-45 Lote 2
Setor Sul - CEP 74093-22 - Goiânia/Goiás
CNPJ: 21.538.101/0001-90
Site: <http://editoraaltaperformance.com.br/>

Contatos:

Larissa Pereira - (62) 98230-1212

Revisão ortográfica: Doralice Jacomazi
Editoração: Franco Jr.

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte

E74 Escola de educação básica para todos: Volume X. / Deise Nanci de Castro Mesquita, Flávia Motta de Paula Galvão (org.). – 1. ed. – Goiânia : Editora Alta Performance, 2023. Ebook.
140p.: il.

ISBN: 978-65-5447-061-2

1. Ensino. 2. Educação Básica . 3. Didática. 4. Linguagem Artística.
I. Título.

CDU 376

O conteúdo da obra e sua revisão são de total responsabilidade do(s) autor(es).

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

- APRESENTAÇÃO 10

Parte I VIVÊNCIAS SISTÊMICAS

- A VIDA EM TRANSIÇÃO: ENTRELAÇANDO DIFERENTES OLHARES 15
Márcia Cristina Machado de Oliveira
Patrícia Maria Jesus da Silva
- ABORDAGEM SISTÊMICA: ARTES VISUAIS, POESIA E ESPIRITUALIDADE 31
Wanderley Alves dos Santos
- EXPERIMENTAÇÃO DE PODCAST 39
Cristina Batista de Araújo
Maria Fernanda Cândido Gomes
- UMA TARDE COM OS AMIGOS DO CEPAE 52
Débora Rodrigues de Almeida
Elaine Cristina Almeida Sleiman
- VIVÊNCIA SISTÊMICA COM FANZINES 60
Guilherme Romano
Giovana Alves Nogueira
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha
Murilo Romano

Parte II

EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA ESTUDANTIL

- **PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM LINGUAGEM ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA** 69
Deise Nanci de Castro Mesquita
Flávia Motta de Paula Galvão - CEPAE/UGF
- **FANZINE COMO RECURSO DIDÁTICO PARA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA** 84
Júlio César Kohler Damasceno Baron
- **A LIBERDADE DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA NO CEPAE**..... 91
Fernanda Calixto dos Reis
Yan Carlos Melo Camargo
- **A RELAÇÃO ENTRE A ESCRAVIDÃO E O MERCADO MODERNO** 96
Eduardo Reis de Lima Torres Filho
Erick Lonardoní Alvarenga
João Gabriel Montalvão de Freitas
Marina de Souza Silva Bitencourt
Marya Eduarda dos Santos Silva
- **POR QUE O SER HUMANO SONHA?**..... 103
Letícia Lima de Paula
Sabrina Rodrigues Couto
- **TIMIDEZ: UMA DOR SILENCIOSA** 109
Anne Paulino Maciel
Manuella dos Santos Magalhães
- **YONLU: UMA TRÁGICA HISTÓRIA DE INVISIBILIDADE** 115
Vitória Alice Trindade Avelar

- **MERCÊ: UM RESGATE DA MEMÓRIA ANCESTRAL FEMININA 122**
Nicolle Maria Oliveira de Moraes
- **CRÍTICAS DUVIDOSAS PARA PESSOAS DESASTROSAS..... 137**
Eduardo Riudy Uto

Au, au!
Quero ir à Bienal.
Daqui ou da bela Veneza antinatural.
Está tudo enfadonho.
Eu quero é beber "leite dos sonhos"!
Quero sair daqui de algum modo.
Não quero me demorar...
Então que seja logo.
Fora inferno astral.
Eu quero ir à Bienal.

Aline Gomes Souza-Zagucha¹

¹ Doutora em Letras e Linguística. Docente de Educação Básica na Rede Municipal de Ensino de Goiânia. E-mail: zagucha1@hotmail.com



Luana Oliveira Menês

Discente da 1ª série do Ensino Médio no CEPAE/UFG. E-mail: luanaoliveiramenes1@gmail.com

APRESENTAÇÃO

*Vinde, vinde
moços e velhos
vinde todos, apreciar.
como isso é bom,
como isso é belo.
como isso é bom,
é bom demais.*

Antônio Nobrega

*A criança recebe do passado não só os dados da história escrita,
mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida,
das pessoas de idades que tornaram parte da sua socialização.
Sem estas, haveria apenas uma competência abstrata para lidar
com os dados do passado, mas não a memória.*

Ecléa Bosi

1. Vestígios de quem acompanhou o percurso...

Com muita alegria recebi o convite para apresentar este mosaico de belezas. Reunião de escritos que registram a verve de quem ama ensinar e aprender junto. Diálogos compostos pelos encontros da Rede Artística Estudantil no ano de 2022. O resultado feliz de professores e alunos em exercício de vida estruturados pelo projeto de extensão: “Olhares singulares sob(re) novos cenários” (CEPAE/UFG). Vida porque, juntos, escolas federal, estaduais, municipais e especiais de educação básica, se reuniram em torno de diferentes linguagens para constituírem memórias vividas em um tempo/mundo em crise, mas ainda assim, fascinante. Sim porque, mesmo diante de turbulências políticas e sociais, nos fizemos unidos por um círculo amoroso de provocações, reflexões e ações criativas. Temas importantes e urgentes que nos muniram do que é bom e belo

para irmos além das agruras e tristezas. Proposições cheias de significados que revelaram como a linguagem humana pode trazer vida à escola, às crianças e a todos que dela participam. Aprendemos ao longo do ano que a memória é um bem precioso e para sedimentá-la precisamos da coletividade que imprime em nós a superação, a energia de quem aprende coisas novas, linguagens outras que muitos ainda não conheciam, saberes partilhados com afeto e generosidade.

A vida e suas linguagens como matéria a ser lida e resignificada, dentro e fora da escola. Textos que relatam experiências apaixonadas, exercícios de linguagem e de percepção do mundo, vivências sistêmicas, virtuais e presenciais: crianças, professores, tintas, pincéis, vídeos, fotografias, desenhos, *fanzines*, podcasts, curtas... o fazer e o sentir próprios da arte apontando para uma desautomatização da realidade difícil dos nossos dias. Tudo isso resultando em outras verdades, aquelas que pulsam nos encantos do que é sentido e que nos tornam verdadeiramente humanos. É desta verdade que resultam as mudanças que tanto almejamos e precisamos. Experiências que nos abraçam em redor da infância e da poesia, e nos acrescentam em beleza e humanidade.

Poesia que, eu me arrisco a dizer, deixa marcas fraternas. Um livro “vida e obra” que reforça em mim a certeza de que esta experiência pode e deve ter, na escola, um lugar singular de acolhimento e de partilha da beleza e da felicidade. Bonitezas que nos mostram a força da linguagem nos fazendo próximos, camaradas, irmãos.

Um “livro aula” sobre como a linguagem pode ser um instrumento eficaz de afeto e encantamento. São experiências/roteiro de bem viver. É uma chance de despertar alegrias criando um clima adequado e um contexto que permite às crianças e aos adultos explorarem, experimentarem, relacionarem, inventarem, ter novas ideias. A transfiguração do precário em algo belo. São relatos de como podemos aprender a olhar para o cotidiano, para o que já é, transformando, construindo e reconstruindo. O ato criativo e coletivo vivido em diferentes formas de expressão.

Que na leitura das páginas, mais “gentes” possam acompanhar o vivido. Convido todos os leitores e leitoras a experimentarem a poética deste círculo criativo e amoroso.

Agradeço a oportunidade que cada criança, professor e professora me deu: a ocasião de um rico encontro. Obrigada!

Cristina Moraes
Diretora Pedagógica da Escola Aldeia
E-mail: cristina@escolaaldeia.com.br

Parte I

VIVÊNCIAS SISTÊMICAS

*As coisas que vivo, aquelas, sabe, surpreendentes ou não,
querem por mim significar, serem transformadas em sinais,
em indícios, em conceitos, em coisas.*

*Por isso, eu as desenho em palavras:
são letras que pulsam, sentem, choram e riem.*

Aline Gomes Souza-Zagucha



Luana Oliveira Menês

A VIDA EM TRANSIÇÃO: ENTRELAÇANDO DIFERENTES OLHARES

Márcia Cristina Machado de Oliveira¹
Patrícia Maria Jesus da Silva²

*A boca oca oca
onde fica a língua
índia ainda virgem
Selva de linguagem
Guarda de Tocaia
A margem da Aldeia da ideia
Que afa
O gume da seta cega [...]*
(Arnaldo Antunes e Vitor Araújo, 2020)

Ao som da voz forte e poética de Arnaldo Antunes, iniciamos os encontros da Rede Artística Estudantil neste ano de 2022. Esses momentos evidenciam a missão e o compromisso com que as diversas instituições parceiras têm na construção de uma “educação para o olhar”, que visam ações mais generosas e fraternas conosco e com todos os seres que compõem o cosmo.

Escolas estas que são responsáveis pela concretização de ações pedagógicas vinculadas ao projeto de extensão: “Olhares singulares sob(re) novos cenários” (CEPAE/UFG), que tem como objetivo congrega docentes e discentes de escolas federal, estaduais, municipais e especiais de educação básica, com e sem deficiências, para a criação conjunta de textos em diferentes linguagens

¹ Mestre em Ensino na Educação Básica Docente de Educação Básica na Escola Municipal de Tempo Integral Juscelino Kubitschek. E-mail: marciacia2@gmail.com

² Mestre em Ensino na Educação Básica. Docente de Educação Básica na Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira. E-mail: patriciaescola.16@gmail.com

que tratam de experiências vividas durante e após o período pandêmico do coronavírus.

Em outras palavras, nestas ações extensionistas, valorizamos as manifestações representadas em textos pictóricos, sonoros, gestuais, entre outras possibilidades que possam provocar uma reação tanto para quem produz quanto para o sujeito que as recebe, de modo que o movimento desperte transformações. Compreendemos que estas mobilizações significam o nosso esperar por um mundo mais ético, não “por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (FREIRE, 2013, p. 10).

Neste pilar freiriano, a palavra “esperança” não é atribuída por nós enquanto substantivo, mas carrega o significado de luta, de “construir juntos”. Ao analisarmos o resultado das atuações ao longo do ano de 2022, percebemos que tem sido um privilégio congregar com estas instituições que criam possibilidades para “o esperar”, o que demonstra a responsabilidade que temos ao produzirmos as vivências sistêmicas.

No desenvolvimento das atividades com os estudantes, as escolas permitem que possamos conhecer e refletir sobre os aspectos sociais da pandemia do coronavírus e dar visibilidade a essa produção de forma virtual e presencial com as mostras de fotografias, vídeos, charges, curtas e outras. Os momentos de socialização dos trabalhos desenvolvidos nas escolas são esplêndidos, pois as crianças, os jovens e os adultos participam e relatam o que, como e por que fizeram essas atividades, demonstrando o seu protagonismo em todo processo, sem contar o encanto e a alegria que é conviver.

Essas vivências sistêmicas são contagiantes e têm aquecido nossos corações e nos inspirado a possíveis novos trabalhos no chão da escola. Elas têm sido momentos não só de socializar as criações dos alunos de educação básica, mas para demonstrar como esse momento de pandemia nos afeta; como sentimos e reagimos; como estamos em constantes elaborações e ressignificando esses momentos de perdas e impermanências.

Têm sido grandes encontros de sujeitos com suas singularidades e diferentes sistemas: familiares, sociais e educacionais que se apresentam e entrelaçam; e é nessa conexão de diferentes olhares que nos fazemos humanos/sujeitos.

1. Vivências sistêmicas e o protagonismo estudantil em escolas de Educação Básica

Nessa ideia da radicalidade da esperança é que realizamos nossas rodas de conversas e atividades práticas no ano de 2022, as quais denominamos “vivências sistêmicas”, com os estudantes de diferentes modalidades de ensino como sujeitos protagonistas. Para nós, muito mais que um simples termo do vocabulário, a palavra “autonomia” carrega o sentido de respeito ao que cada ser enxada do mundo ao seu redor, na luta por sua sobrevivência, na defesa da vida, na busca pela transformação.

Nossas vivências têm sido grandes encontros entre comunidades escolares de educação básica (escolas federais, estaduais, municipais, particulares e escolas conveniadas/Educação Especial) que se conectam pela riqueza de suas ações pedagógicas, com protagonismo dos estudantes e das diferentes possibilidades do observar, do conhecimento, do ver, pensar, viver, criar diante do cenário: social, econômico, político.

Vasconcellos (2002, p. 178) pontua sobre a importância e o papel das vivências sistêmicas na formação humana:

Penso que uma forma de trabalhar pelo desenvolvimento dessa postura ética é a realização de exercícios ou vivências várias que permitam experimentar as características sistêmicas de nossa inserção no universo, em todas as suas dimensões.

A raiz do pensamento sistêmico, segundo Vasconcellos (2002), está na ideia de que cada parte do sistema influencia o todo. Assim, um mau funcionamento em um órgão influencia todos os demais órgãos: o que eu sou, penso, sinto e faço reverbera pelo universo e vice-versa; afetamos continuamente uns aos outros. Exercitando, então, esse pensamento nas nossas vivências, esses momentos com a influência dessas escolas parceiras têm nos agraciado criações artísticas através da linguagem visual e audiovisual nesse último ano, “quantas lindezas ecoando por esse universo!”

É nessa perspectiva que nossas vivências sistêmicas foram pensadas e propostas para essa profícua parceria entre as escolas de ensino básico, as quais aceitaram o convite e nos levaram a conhecer, vivenciar e contemplar o mun-

do em transição entrelaçando os nossos diferentes olhares. Elas abriram os portões de suas escolas para transitarmos nesse universo de energias infantis, juvenis, adultas encantando nossos corações e nos enchendo de alegria, de risos, de simplicidade, de esperanças, de conhecimentos, de confiança e de amor.

Fazem parte desta parceria: o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, o Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata, o Colégio Estadual Polivalente Professor Goiany Prates, a Escola Aldeia, a Escola Casa Verde, a Escola Municipal Herbert José de Souza, a Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira e a Escola Municipal de Tempo Integral Juscelino Kubitschek.

A cada duas semanas foram realizadas e transmitidas pelo *Google Meet* rodas de conversa e vivências sistêmicas que tratam sobre o processo de arte e criação, sob a coordenação dos próprios participantes e/ou de convidados especialistas em produções artísticas em diferentes linguagens.

Nas semanas alternadas, durante as aulas regulares dos professores parceiros em suas escolas, foram realizados estudos e debates sobre a relação do conteúdo curricular aprendido e fatos da realidade, do cotidiano dos diferentes participantes. Concluída a etapa de execução da atividade, coube aos estudantes, orientados por tutores (estagiários, bolsistas ou professores), o planejamento, a organização e a realização de mostras, feiras, festivais e outras atividades culturais, com o objetivo de socializar as suas produções.

Esta divulgação foi realizada no VI Fórum Nacional Escola de Educação Básica para Todos: vivências sistêmicas (FNEEBT) e I Ciclo Internacional de Debates: singularidades (CID) e, por isso, convidamos pelo olhar dos docentes, coordenadores e gestores para relatar os processos de criação e para expor as produções materializadas em curtas-metragens, *podcasts*, fotos, pinturas, *fanzines* etc., realizadas durante os períodos letivos de 2022.

2. Rede artística estudantil: caminhos para a educação do olhar

As vivências sistêmicas a serem apresentadas aqui são vinculadas ao Projeto de Extensão “Olhares singulares sob(re) novos cenários” com a intenção de se promover uma “Rede de Experimentação Artística estudantil” que culminou em produções visuais e audiovisuais sustentadas em uma proposta de “educação do olhar” na percepção do belo e poético. Deste modo, esperamos que as

criações sejam apreciadas e analisadas com base em suas narrativas e imagens. Apresentamos neste artigo a descrição dos momentos vivenciados e que resultaram em obras artísticas que confirmam a relevância da proposta interinstitucional quando demonstra as diversas reações e leituras de mundo dos sujeitos envolvidos no processo.

Em meados de janeiro de 2022, foi criada a sala virtual no *Google Classroom* (Figura 1) para que as instituições tivessem acesso à sistematização e organização dos encontros com informações de datas, textos e atividades a serem desenvolvidas.

Figura 1 - Imagem da sala de aula virtual para que as escolas pudessem compartilhar suas publicações, além de avisos e materiais de estudo



Inauguramos a primeira vivência sistêmica em formato remoto pelo *Google Meet* no dia 16 de fevereiro de 2022, com a apreciação do show de Arnaldo Antunes e Vitor Araújo, nomeado de “O Real ao Vivo”. A roda de conversa foi coordenada pela professora Fátima Cristina e estudantes da Escola Aldeia que apresentaram a produção do curta-metragem (Figura 2) sobre as suas interpretações referentes à obra “Abaporu”, de Tarsila do Amaral, em diálogo com a canção “Boca Oca”, de Antunes e Araújo, para o Projeto da instituição “1922 a 2022 - Do Canibalismo à antropofagia”, em referência ao centenário da Semana da Arte Moderna.

Figura 2 - Frame do curta metragem “1922 a 2022 – Do canibalismo à antropofagia” – rimeiros rabiscos



Profa. Fátima Cristina Silva Moraes - Escola Aldeia. Disponível em: <https://youtu.be/UG0eJAvAFE>

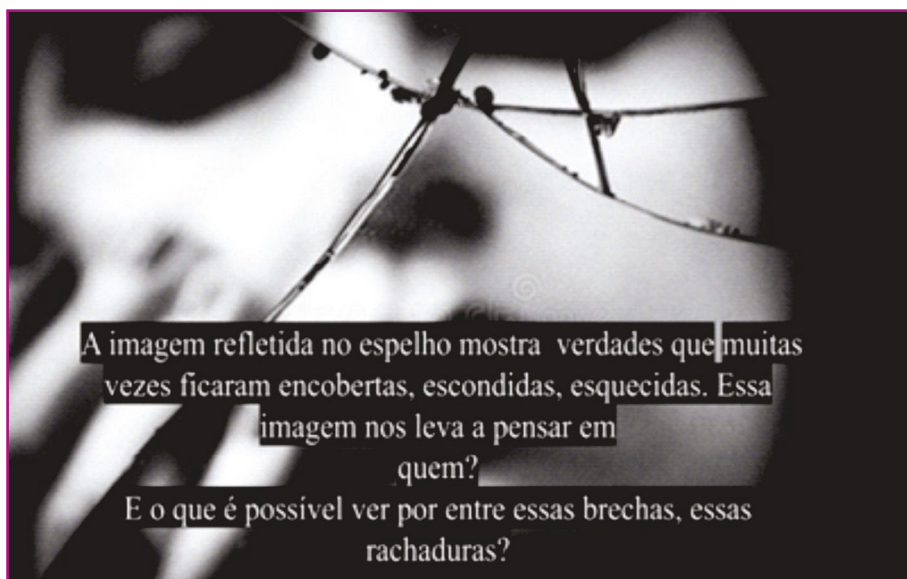
No mês de março, realizamos a leitura e reflexão do texto “O estranho e o espelho”, de Tânia Rivera (2008), com a professora Mariusa Sartin e a bolsista Suiani Fabiano Caixeta como coordenadoras da roda de conversa. Importante pontuar que a dinâmica da vivência sistêmica (Figura 3) permitiu que as crianças da Educação Básica conseguissem expressar suas compreensões de que a imagem serve para ilustrar o óbvio, mas que, enquanto manifestação simbólica, se presta a traduzir, revelar e recriar as experiências singulares. Nas palavras de Rivera (2008, p. 8), a imagem-muro

[...] faz-nos esquecer da terrível sentença de Freud de que o eu não é mais senhor em “sua própria casa” – pois o inconsciente nos tira o tapete e denuncia como ilusão o domínio que teríamos de nós mesmos e do mundo. Nessa dimensão, a imagem é tranquilizadora, ela nos recentra, nos faz senhores de nossa própria casa – e de nosso próprio cinema.

Ao lado desta compreensão, os estudos e discussões levaram os participantes a encontrarem seus significados para o termo “imagem-furo”, que “nos põe em questão, problematiza a realidade” daquilo que chamamos de “bre-

chas entre imagens, espaço irreconhecível, caos pulsante que é a própria vida” (Idem, idem).

Figura 3 - Recorte do slide apresentado para problematização do conceito de imagem-muro e imagem-furo



Profa. Mariusa Sartin. Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata. Colégio Estadual Polivalente Professor Goiany Prates

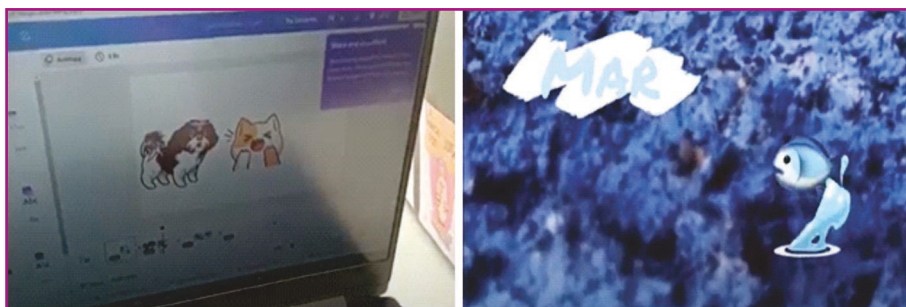
Deste modo, na tentativa de nos colocar no caminho desta vertigem poética, foi proposto o exercício de captação de imagens conforme organização interna de cada instituição. No dia 16 de março, as fotografias capturadas (Figura 4) pelos estudantes foram apresentadas em uma roda de conversa:

Figura 4 - Imagens capturadas pelas crianças (imagem à direita - Escola Casa Verde e imagem à esquerda - Escola Aldeia)



Estas e outras visualidades culminaram em vivências sistêmicas para edição de imagens estáticas ou em movimento em aplicativos baixados nos *smartphones* dos participantes ou pelos navegadores de internet nos computadores das instituições. Assim, nos dias 06 e 20 de abril, a edição de imagens foi desenvolvida pelos bolsistas Matheus Henrick Alves Oliveira e Amanda Vieira Prado que ensinaram, a partir do *Canva*, diversas possibilidades para formatar as imagens apresentadas no encontro anterior (Figura 5).

Figura 5 - Edição de imagens nos aplicativos *Canva* e *Cap Cut* Estudantes da Escola Aldeia



Ainda na aprendizagem de edição de imagens, o encontro do dia 04 de maio teve como intenção o trabalho com o aplicativo *Cap Cut* e foi promovido pela professora Patrícia Maria Jesus da Silva, para que os participantes explorassem as diferentes funcionalidades que a ferramenta oferecia como recorte de imagens, filtros com diversas paletas de cores, inserção de áudios autorais ou efeitos sonoros (Figura 5).

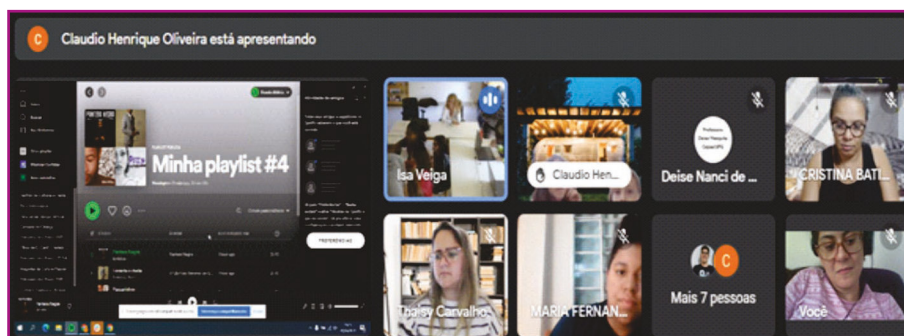
No dia 18 de maio, foram apresentadas as produções desenvolvidas pelos estudantes, em que eles explicavam suas intencionalidades e experiências em criar (Figura 6). Por meio da captação e edição de imagens, conseguiram recortar as suas realidades e suas historicidades, como modo de provocar o olhar daquele que é o receptor. Tais movimentos foram sustentados pelo trabalho de seleção e escolha de temáticas em cada instituição, com imersão a textos literários, musicais, poéticos, históricos, espaciais, cartográficos, artísticos, de expressão corporal, entre outros.

Figura 6 - Exposição de produções pelos estudantes da Escola Casa Verde e professora Andresa Moreno



Para encerrar o primeiro semestre de 2022, no dia 01 de junho, as instituições e estudantes apresentaram suas *playlists* de músicas e *podcasts* selecionados do aplicativo *Spotify* (Figura 7). Na outra quinzena, a bolsista de ensino fundamental, Maria Fernanda Cândido Gomes, juntamente à professora Cristina Batista de Araújo (ambas vinculadas ao Cepae UFG) apresentaram o relato de experiência sobre a produção e o roteiro de *podcast*.

Figura 7 - Encontro remoto de apresentação da *playlist* de músicas e *podcasts* dos estudantes e professores

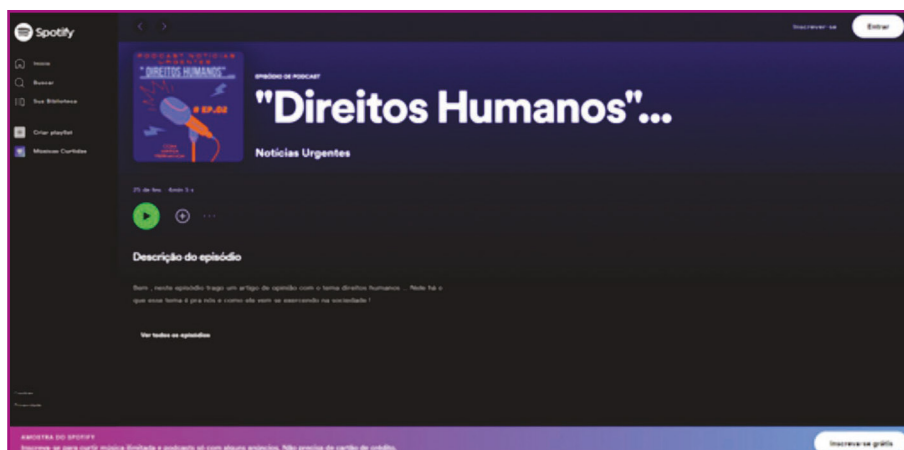


Entendemos que a construção da autonomia requer um exercício de provocação que mobilize saberes e não algo a ser “entregue” aos estudantes com respostas prontas. Em outras palavras, nossas vivências sistêmicas partem das inquietações dos discentes, da forma como eles realizam a leitura de mundo que os permita avançar e desvendar para além dos textos que lhe são endereçados. Pelos pressupostos de Freire (1996, p. 63), “[...] Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento [...]”.

3. Diversidade na experimentação artística: educação para todos

Como já mencionado, as atividades das vivências sistêmicas retornaram, no segundo semestre, no dia 02 de agosto, com a atividade de criação de *podcast* com a estudante Maria Fernanda e a prof.^a Cristina Araújo (Figura 8). Nela, as proponentes apresentaram vários procedimentos específicos do aplicativo *Anchor*.

Figura 8 - Página de *podcast* “Direitos Humanos” criado pela estudante Maria Fernanda (7º ano EF / Ceape)



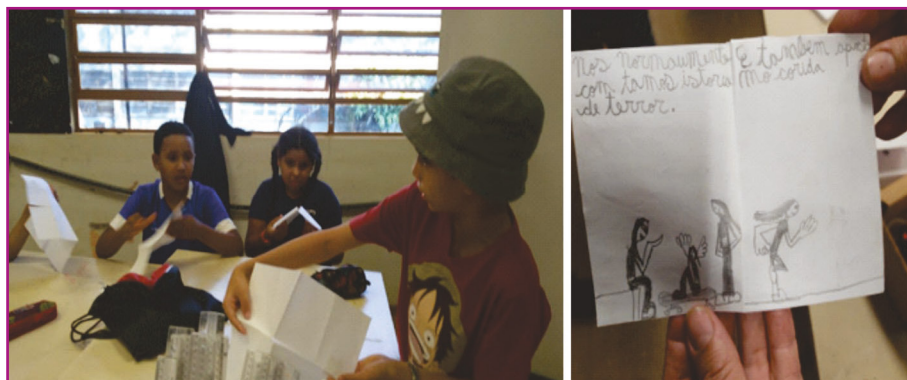
Após a criação do *podcast*, a experimentação artística sucedeu no formato presencial com transmissão pelo *Google Meet*. Deste modo, no prédio do Centro de Ensino e Pesquisa aplicada à Educação (Cepae/UFG), foram oferecidas algumas oficinas que compõem as vivências do segundo semestre. Assim, no dia 18 de agosto, com a presença da Escola Aldeia, os estudantes foram provocados a “Traduzir-se” por meio da pintura (Figura 9) em uma atividade coordenada pelo prof. Wanderley Alves dos Santos. Para isso, tiveram como inspiração a poesia de Ferreira Gullar para suas criações.

Figura 9 - Poema “Traduzir-se” (à esquerda) e a estudantes em visita ao Cepae para a vivência sistêmica de pintura



No dia 31 do mesmo mês, os estudantes Giovana Nogueira, Guilherme Romano e Murilo Romano realizaram colaborativamente com a professora Maria Alice de Sousa Carvalho a vivência sistêmica de criação de *fanzine* ao ensinarem (Figura 10) as técnicas de organização das páginas até a proposta de redação e gravuras que comporiam as narrativas apresentadas.

Figura 10 - Vivência Sistêmica: produção de *Fanzine*



Na semana anterior ao VI FNEEBT, foi ministrada a vivência sistêmica “Experimentação artística: poema, voz e imagem” sob a coordenação dos bolsistas Matheus Oliveira, Nicolle Oliveira e Júlio Baron (Figura 11) em 14 de setembro. Contou-se com a presença de estudantes do Cepae e da Escola Casa Verde. No primeiro momento, os participantes receberam instruções sobre a edição das produções audiovisuais pelo aplicativo *ClipChamp*. Para isso, gravaram um áudio do poema “O conto de João”, de Riudy Eduardo Uto (1º ano EM/ Cepae), e uniram-nas às imagens capturadas nas oficinas do primeiro semestre (Figura 12).

Essas produções em diferentes linguagens foram socializadas em mostras, feiras, festivais e eventos culturais e científicos como o VI Fórum Nacional Escola de Educação Básica para Todos: vivências sistêmicas (FNEEBT) e I Ciclo Internacional de Estudos (CID). A mostra dos diferentes produtos artísticos foi realizada nos dias 23 e 24 de setembro de 2022, pelo canal UFG oficial no Youtube, em que as instituições descreveram e reverberaram todo o processo que culminou nas obras de arte criadas pelo olhar dos docentes, gestores, estudantes e familiares.

Figura 11 - Cartazes produzidos para divulgação das vivências sistêmicas

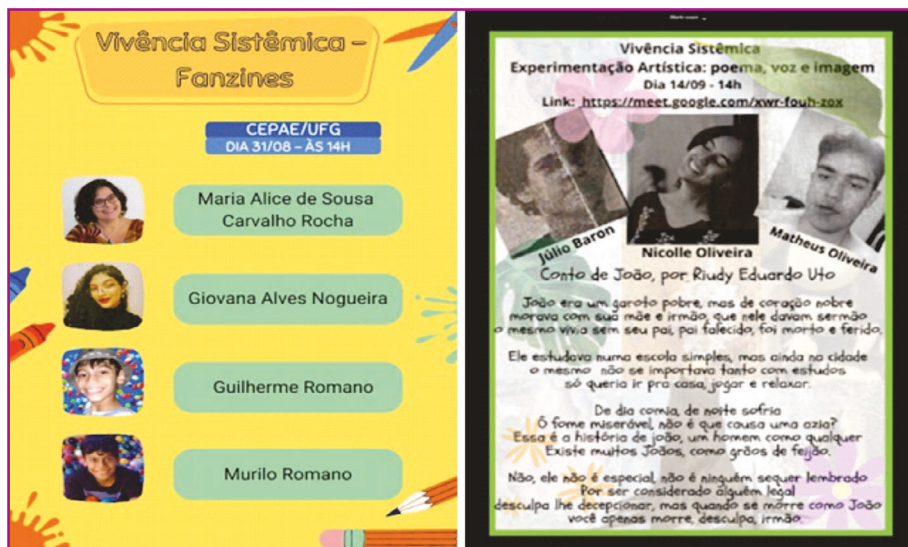
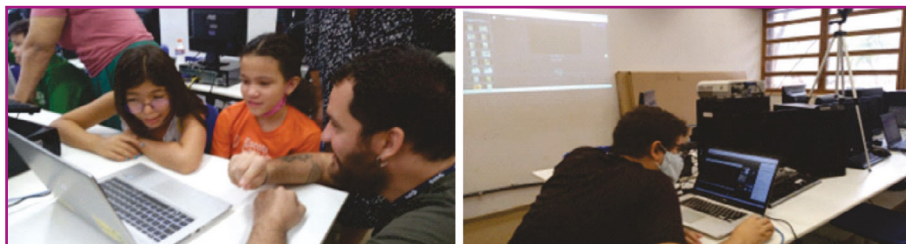


Figura 12 - Proponentes das vivências sistêmicas
- trabalho colaborativo com bolsistas



Para conhecer algumas experiências desenvolvidas pelas escolas parceiras, acesse os “Anais” do VI FNEEB e I CID (2022) pelo site (<https://forumescolaparatodos.com.br/>). As produções serão apresentadas neste volume que faz parte da coletânea “Escola de Educação Básica para Todos!”.

4. Considerações Finais

Fizemos um breve relato das vivências sistêmicas, sem a pretensão de transpor aqui toda beleza e profundidade desse trabalho, através dos nossos olhares singelos, corações aquecidos e inspirados por todas essas criações. Nós registramos essas manifestações artísticas a fim de ganhar outros olhares para apreciá-las, observá-las, analisá-las, conhecê-las e se inspirarem.

Essa ação educativa tomou forma tanto em linguagem visual quanto audiovisual, entrelaçando os diferentes olhares dos estudantes sobre o mundo através das suas manifestações artísticas.

As vivências permitem que os alunos, protagonistas dessa experiência, também se tornem observadores, possibilitando a criação e transformação de momentos reais e desafiadores em manifestações artísticas humanizadas, éticas, amorosas e fraternas. Elas também são elaborações que extravasam o conteúdo programado da escola e perpassam para um olhar com o coração para o belo, o bom e o justo, de forma a possibilitar aprendizado de inúmeras maneiras de viver, ver, sentir, conhecer e estar protagonista no mundo.

Por fim, esses momentos têm se configurado em um movimento que permite nossa inserção no universo, levando a conhecer, vivenciar e contemplar o mundo em transição entrelaçando os nossos diferentes olhares.

Enfim, ao propormos ações educativas por meio de experimentações artísticas, conseguimos perceber o quão são potentes as criações em diversas manifestações de linguagem, auxiliando os sujeitos envolvidos a enxergarem o mundo e a desconstruir os estereótipos em busca da construção de uma convivência mais plural e intercultural. Por este caminho é que se pode notar a diversidade que enriquece os encontros, quando reúne não apenas textos em diferentes suportes, mas insere no mesmo espaço seres que são tanto aprendentes quanto ensinantes, desde a educação básica até a pós-graduação, de instituições públicas, particulares ou conveniadas, de licenciaturas ou bacharelados, presencialmente ou virtualmente. Congregações que nos fazem esperar e colaborar com uma educação que é para todos!

Referências

ANTUNES, Arnaldo; ARAÚJO, Vitor. *O Real ao Vivo*. Youtube, 3 de out. de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z-NsR3uQd_g.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

RIVERA, Tania. *Cinema, imagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. 10. ed. São Paulo: Papyrus, 2002.

*Há os lúcidos e há os iludidos
Há os que colam à palavra
como o abraço ao desespero
como a lealdade ao compromisso
como o substantivo ao concreto
como a “chuva de homens” ao homem
esses são lá os iludidos...*

*Mas há, por outro lado, os lúcidos
Há os que são descolados da palavra
como o abstrato do amor
como o inanimado da gentileza
como a constância da beleza
como a “chuva de homens” de Magritte
esses são lá os felizes.*

Aline Gomes Souza-Zagucha

ABORDAGEM SISTÊMICA: ARTES VISUAIS, POESIA E ESPIRITUALIDADE

Wanderley Alves dos Santos¹

Esta oficina foi desenvolvida no CEPAE/UFG, dentro de um projeto em que a abordagem sistêmica na educação é destacada. O tema da oficina de artes visuais e poesia foi escolhido tendo em vista a sensibilidade poética do escritor Ferreira Gullar, com o seu poema “Traduzir-se”:

Uma parte de mim, é todo mundo: outra parte é ninguém: fundo sem fundo. Uma parte de mim é multidão: outra parte estranheza e solidão. Uma parte de mim pesa e pondera: outra parte delira. Uma parte de mim almoça e janta: outra parte se espanta. Uma parte de mim é permanente: outra parte se sabe de repente. Uma parte de mim é só vertigem: outra parte linguagem. Traduzir uma parte – que é questão e vida ou morte – será arte?

A proposta, também, visava a busca de uma prática interdisciplinar em educação, literatura e artes visuais.

No referido poema, o autor reflete sobre a dualidade entre o eu e a vida, e a necessidade de integração desse eu consciente e sensível pela vivência artística, o enfrentamento da solidão através da criatividade. O poeta fala da resistência diante das diversidades da vida. Essa visão dialoga com a da abordagem sistêmica, inclusive apontando uma necessidade de vivência da espiritualidade e da interdisciplinaridade na educação, conforme Capra e Luisi (2014, p. 362):

¹ Doutor em Artes e Cultura visual. Docente de Educação Básica e pesquisador no Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/CEPAE/UFG). E-mail: profwanderley@ufg.br

O mundo acadêmico de hoje, é um mundo difícil de explorar a dimensão espiritual da educação. Nossas instituições acadêmicas clássicas produzem especialistas tecnológicos ou humanistas em uma disciplina particular de cada vez, e só muito raramente são capazes de empenhar em manter a abordagem interdisciplinar do conhecimento que estamos defendendo neste livro, tal abordagem, no entanto, é urgentemente necessária nos dias de hoje, uma vez que nenhum dos principais problemas do nosso tempo pode ser entendido isoladamente. Todos eles são problemas sistêmicos – interconectados e interdependentes – e têm, portanto, necessidade de soluções sistêmicas.

Desta forma, foi proposta a oficina de artes visuais, com abordagem interdisciplinar, em diálogo com a literatura. Foi feita, assim, a leitura em jogral por parte dos participantes. O grupo era heterogêneo, havia diversos níveis de idade e estudantes, com escolaridades diferentes, e todos participaram dessa etapa. Participaram da vivência uma média de dez estudantes.

Feita a leitura viva do poema de Ferreira Gullar, pediu-se que os participantes fizessem uma ilustração para o referido poema. A questão proposta era: como sentiam a visualidade dele? Os estudantes de primeira fase e Ensino Médio estavam trabalhando juntos no mesmo espaço, com o mesmo tema. Foi notório o quanto a poesia de Ferreira Gullar tomou formas interessantes, no imagético pictórico dos estudantes. Na Figura 1, vemos como foi elaborado o desenho básico do estudante a partir do poema.

Figura 1 - Ilustrando poema



Figura 2 - “Fundo sem fundo”



Na Figura 2, outra estudante afirmou que, lendo o texto, “uma parte de mim é todo mundo: outra parte é ninguém: mundo sem fundo”, imaginou um buraco negro engolindo tudo em seu entorno. Nesse momento, a estudante associou seu desenho, inclusive, com uma abordagem da astrofísica dos buracos negros. Pode-se observar nisso, o poema e as artes visuais estimulando o pensamento sistêmico, de forma intuitiva e criativa. O fazer artístico visual é de grande importância para o desenvolvimento criativo do indivíduo, conforme Fernandes (2014, p. 44):

Um fator que merece destaque é a concepção de que a criatividade é uma qualidade a ser atingida ou enaltecida, na busca por uma educação criativa. O processo educativo deve desenvolver, estimular e favorecer o desenvolvimento da criatividade, sendo que a escola, professores e alunos devem ser, continuamente, preparados para que essa educação criadora se efetive. Isso pode ocorrer no âmbito das áreas de conhecimento ou disciplinas escolares, como língua portuguesa, física, sociologia, arte que contribuem para explicitar especificidade sobre procedimentos e atitudes que desenvolvam a criatividade.

Nas Figuras 3 e 4, a estudante de Ensino Médio criou uma imagem em que a mente humana se expande, a mente de uma mulher abrindo novos horizontes e se conectando com o cosmo.

Figura 3



Figura 4



A mente, numa abordagem sistêmica, deve ser educada para ter uma visão mais espiritual da vida, tendo em vista que se está educando os líderes de um novo mundo, repleto de problemas complexos; e a necessidade de mediar conflitos de toda ordem exigirá equilíbrio e capacidade de pacificar nesse meio, de acordo com Capra e Luisi (2016, p. 362):

Incluir a dimensão espiritual na educação é ainda mais difícil do que manter uma abordagem sistêmica por causa da confusão generalizada entre espiritualidade e religião. Desse modo, a maioria dos nossos alunos universitários – que serão líderes mundiais de amanhã – são privados da experiência estimulante dos diálogos interdisciplinares; e a maior parte dos futuros cientistas são impedidos de examinar os valores da ética, da arte, da música, da poesia e da introspecção pessoal. Consequentemente, há um grande perigo de estarmos educando líderes em vários campos que não conhecem uns aos outros, e que não são sensíveis aos valores do espírito humano.

Tudo indica que as imagens acima falam dessa visão de espiritualidade, a mente que não se fecha, mas se abre para o infinito sistêmico no qual estamos inseridos. Aqui, a estudante do Ensino Médio parece intuída pela espiritualidade ao elaborar sua composição visual do poema.

A vivência sistêmica em artes visuais com ação interdisciplinar com literatura, aqui descrita, também, contou com a participação de diversos colaboradores, equipe pedagógica de outra escola, com alunos visitantes, uma professora coordenadora de português e literatura, um técnico que proporcionou a transmissão da oficina para outros estudantes *online*, uma situação interessante, não vivida daquela forma proposta, até então. Normalmente se trabalha numa sala *Google Meet*, com diversos estudantes *online*, numa forma não presencial. A proposta vivenciada era híbrida.

Foi trabalhada, nessa oficina sistêmica, a técnica de ilustração de texto poético, com técnica de pintura à base d'água sobre papel paraná, papel adequado para esse trabalho por ter uma gramatura espessa, e de ser folhas grandes que podem ser divididas, assim, rende em quantidade para ser trabalhado no meio escolar. Nele foi desenvolvido esboço inicial da ideia advinda do poema proposto para a sensibilização coletiva e, em seguida, usaram tinta à base d'água.

Havia estudantes *online*, vendo pela câmera de vídeo, na oficina e, em momento outro, devia-se falar com eles. Sob a coordenação da professora de português e do técnico em informática, um momento e outro éramos solicitados a atentar para esse detalhe (Figura 5). Uma experiência que precisa ser aprimorada, por parte dos professores, de uma forma geral, por se tratar de uma nova forma de atuar no meio escolar, devido à pandemia da Covid-19 que impõe o afastamento social, forçando uma integração de novas tecnologias de comunicação ao meio escolar, equilibradamente benéfica.

Figura 5



Diante de problemas complexos que a humanidade enfrenta e enfrentará, o meio escolar deve favorecer as vivências sistêmicas, criativas e espirituais, tendo em vista o desenvolvimento de pessoas mais humanas, solidárias e preocupadas com a justiça social, e um mundo em que todos busquem a harmonia através de uma integração saudável com a natureza, fundada no respeito pela vida, em todas as suas dimensões, mesmo em regiões distantes no espaço, pesquisadas hoje pela astrobiologia, que revela que há mares em exoplanetas, fora da nossa terra, e estão procurando vida neles, se isso já é uma realidade, segundo essa ciência, a realidade sistêmica nos coloca como cidadãos de um cosmo mais fascinante e complexo ainda (GALILEU, 2022).

No meio escolar, a educação sistêmica deve preparar os estudantes a terem a mente aberta para essas novas realidades e novas conquistas. Trabalhando de forma interdisciplinar, valorizando e estimulando a criatividade, conforme a vivência aqui descrita propõe, os alunos serão levados a compreender a arte e a ciência integradas aos valores espirituais, ecológicos e humanos, num sistema integrado de crescimento sem limites.

Referências

CAPRA, F; LUISI, P. L. *A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*. São Paulo: Cultrix, 2014.

FERNANDES, L. P. V. *A Criatividade no Ensino de Artes Visuais: da produção à Inclusão*. Curitiba: Appris, 2016.

GULLAR, F. *Traduzir-se*. Disponível em: <https://www.tudoepoema.com.br/ferreira-gullar-traduzir-se/>. Acesso: 20 ago. 2022.

REVISTA GALILEU. *Astrônomos encontram planeta que pode ser todo formado por oceano*. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2022/08/astronomos-encontram-exoplaneta-que-pode-ser-todo-formado-por-oceanos.html>. Acesso: 28 ago. 2022.

*Um corpo de olhos abertos estirado no chão e respirando vê
que a vida é um conjunto vazio.
Um torto revela seu sonho louco onde tudo é opaco
e tudo é um instante depois de um arrepio.
Um barco riscando lindamente as expectativas de uma senhorita
desce calmamente um rio.
E um solitário decide aproveitar a vida encarando um desafio.*

Aline Gomes Souza-Zagucha

EXPERIMENTAÇÃO DE *PODCAST*

*Cristina Batista de Araújo*¹
*Maria Fernanda Cândido Gomes*²

1. Considerações iniciais

O propósito deste trabalho é apresentar uma vivência de *PodCast* como ferramenta educativa: um recurso tecnológico participativo que possibilita a utilização do áudio na educomunicação. Acredita-se que essa ferramenta educativa, além de apresentar desafios aos sujeitos escolares, promove a aproximação da educação com as tecnologias da sociedade. Sendo assim, seu uso pode ser visto como uma estratégia de ensino que, quando utilizada em propostas alinhadas a concepções filosóficas e educacionais voltadas para a participação ativa, é capaz de favorecer a mobilização dos estudantes em seus contextos reais, desenvolvendo sua capacidade de intervir em diferentes questões da atualidade.

2. O que é *podcast*?

Segundo Foschini (2018, p. 2), é “um meio veloz de distribuir sons pela internet, um neologismo que funde duas palavras: *iPod*, o tocador de arquivos

¹ Doutora em Letras e Linguística - Docente de Educação Básica e Vice-diretora do CEPAE/UFG. E-mail: cristina.araujo@ufg.br

² Bolsista de Iniciação Científica Junior (CNPq) e Discente do 7º ano do Ensino Fundamental do CEPAE/UFG. E-mail: mariafernandacandido273@gmail.com

digitais de áudio da *Apple*, e *broadcast*, que significa transmissão em inglês.³ O *PodCast* tem como característica o agrupamento de vários programas ou episódios, como se fosse um seriado. Os arquivos ficam hospedados em um endereço na internet e, por *download*, chegam ao computador pessoal ou tocador. Você pode baixar o arquivo no computador ou no celular, para ouvir quando quiser. Observa-se que essa forma de comunicação está associada a uma mudança de comportamento: ouvir, na hora e lugar mais convenientes, programas obtidos na rede de internet. A pessoa ouve, em um esquema feito sob medida para seu desejo e necessidade, um programa de rádio, uma entrevista ou mesmo uma aula; escolhe entre as inúmeras vozes que se manifestam em todo o mundo, seja contando histórias, apresentando notícias, ou tecendo reflexões sobre os mais diversos temas.

3. Vivência sistêmica com *podcast*

A experimentação de *podcast*, objeto desta escrita, integrou o conjunto de ações do projeto de extensão *Olhares singulares sob(re) novos cenários*, que subsidiou criações artísticas de estudantes de educação básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/UFG e de escolas das redes pública e privada da cidade de Goiânia, valorizando as especificidades de cada escola e seu projeto pedagógico, promovendo o estudo de conteúdos disciplinares em diálogo com a realidade e seu cotidiano. Objetivou-se elaborar e sistematizar o processo de ensino e aprendizagem escolar, a partir da utilização de outras formas de construção de conhecimento, manifestadas em diferentes linguagens: escrita, falada, sinalizada, cantada, desenhada, fotografada, gravada etc.

A vivência com *podcast* foi realizada a partir da exposição do trabalho em que os estudantes produziram episódios de *Podcast* sobre desigualdades e formas de promoção da justiça social assegurada pela Constituição Federal brasileira. As discussões foram conduzidas em aulas síncronas, orientadas pela leitura de textos do campo jornalístico-midiático, além de poemas e crônicas. Foi realizada, ainda, uma Roda de Conversa sobre Direitos Humanos, com a participação da Dr.^a Jéssica Silva Monteiro.

³ FOSCHINI, A. C.; TADDEI, R. R. *PodCast*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000097.pdf>. Acesso 29 ago. 2022.

4. Para utilizar o *podcast*

Anchor - O site Anchor oferece gratuitamente a distribuição de *podcasts* nas principais plataformas de streaming. A ferramenta permite que criadores de conteúdo lancem seus programas de áudio em serviços como o *Spotify*, *Google Podcasts*, *Deezer*, *Breaker* e *Radio Public*. O Anchor permite realizar o *upload* de áudios editados e, em seguida, organizá-los em episódios com nomes, descrições e capas personalizadas. O *upload* nas plataformas de *streaming* é automático após configuração do programa.

4.1 Tutorial – computador (web)

Passo 1. Acesse o *site* Anchor e selecione a opção “Sign up” para visualizar a página de cadastro de novos usuários.

Visualização da tela de cadastro de novo usuário no site Anchor

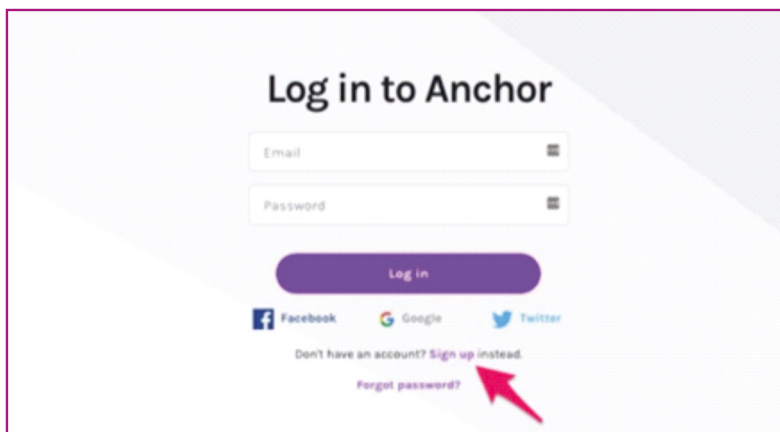


Foto: Reprodução/Marvin Costa.

Passo 2. Digite seu nome, informe um endereço de e-mail e uma senha. Marque também a caixa “Não sou um robô”. Para continuar, pressione o botão “Sign up”. Verifique seu e-mail para acessar a mensagem de confirmação para

criação de uma nova conta no Anchor. Assinale o link no corpo da mensagem para ativar sua conta e prossiga para o próximo passo.

Ação para se cadastrar no site Anchor e distribuir um *podcast* na internet

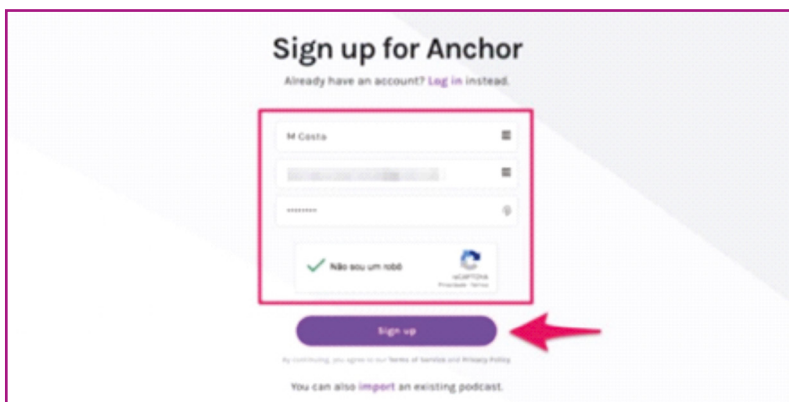


Foto: Reprodução/Marvin Costa.

Passo 3. Na tela inicial de usuário, pressione o botão “New Episode” no menu superior.

Ação para se cadastrar no site Anchor para distribuir um *podcast* na internet

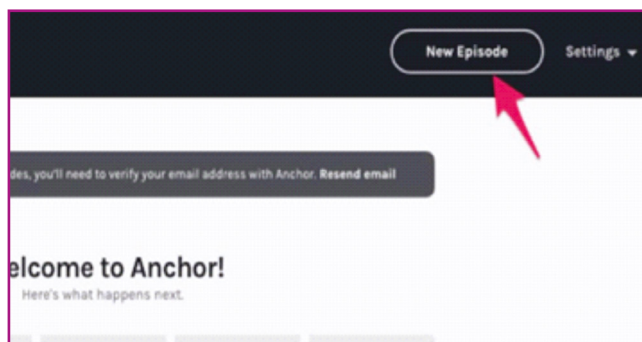


Foto: Reprodução/Marvin Costa.

Passo 4. Na tela de configuração do *podcast*, selecione a mensagem “Click to upload or drag files here” para visualizar o explorador de arquivos.

Ação para buscar um arquivo de áudio de *podcast* para realizar um upload no site Anchor

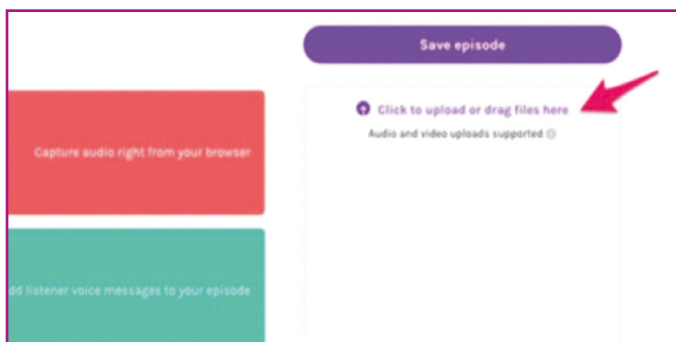


Foto: Reprodução/Marvin Costa.

Passo 5. Use a janela para encontrar em seu computador o arquivo com seu *podcast* devidamente editado. Selecione-o e pressione o botão “Abrir”.

Ação para iniciar o *upload* de um *podcast* no site Anchor

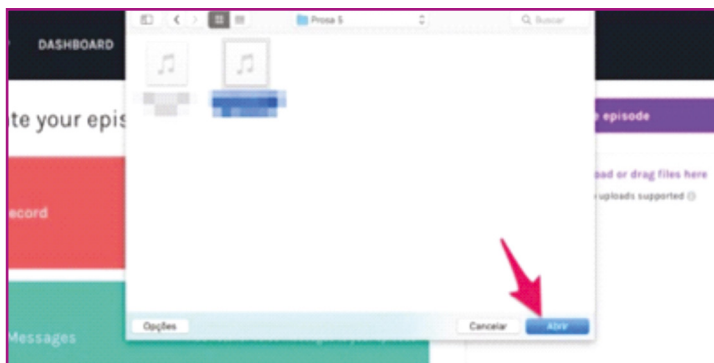


Foto: Reprodução/Marvin Costa.

Passo 6. O *site* também oferece ferramentas para adicionar locuções, mensagens de voz, *uploads* de áudio e efeitos de transições. Pressione “Save episódio” para continuar.

Ação para salvar um episódio de *podcast* no site Anchor

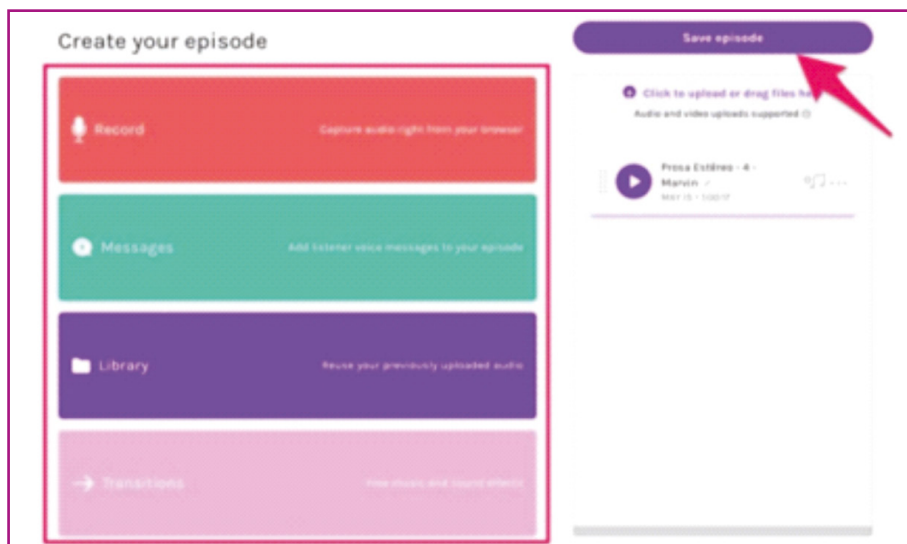
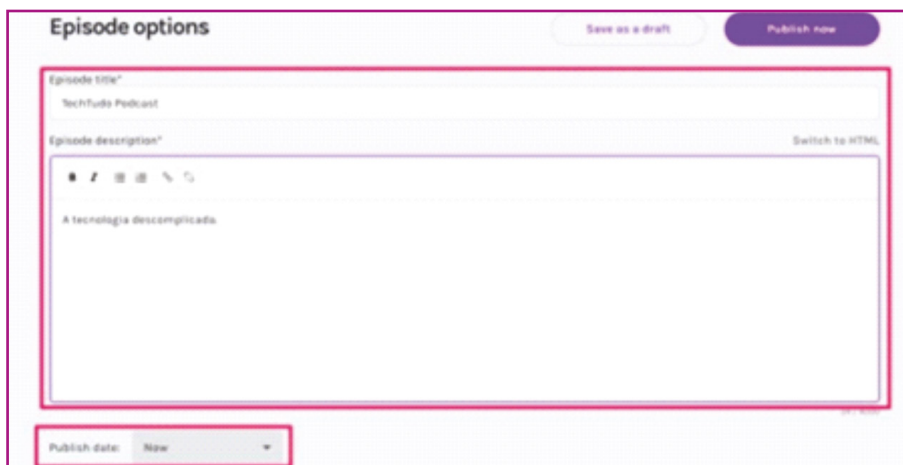


Foto: Reprodução/Marvin Costa.

Passo 7. Defina o nome do episódio e sua descrição. Em seguida, role a tela para conferir mais informações.

Ação para definir detalhes de episódio de *podcast* no site Anchor

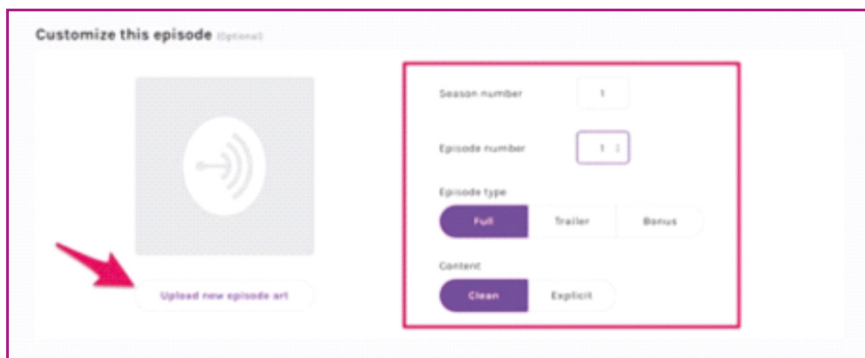


The screenshot shows the 'Episode options' interface. At the top, there are two buttons: 'Save as a draft' and 'Publish now'. Below these, the 'Episode title*' field contains 'TechTudo Podcast'. The 'Episode description*' field contains 'A tecnologia descomplicada' and has a 'Switch to HTML' link on the right. At the bottom left, the 'Publish date:' dropdown is set to 'Now'.

Foto: Reprodução/Marvin Costa.

Passo 8. Defina um número para a temporada, o número do episódio atual, se o arquivo é completo e se há conteúdo impróprio para menores. Em seguida, pressione o botão "Upload new episode art" para buscar em seu PC uma capa para o *podcast*.

Ação para definir detalhes de episódio de *podcast* no site Anchor



The screenshot shows the 'Customize this episode' interface. On the left, there is a placeholder for episode art with a red arrow pointing to the 'Upload new episode art' button. On the right, there are several settings: 'Season number' is 1, 'Episode number' is 1, 'Episode type' is set to 'Full' (with 'Trailer' and 'Bonus' as options), and 'Content' is set to 'Clean' (with 'Explicit' as an option).

Foto: Reprodução/Marvin Costa.

Passo 9. Selecione em um local do seu PC a capa do episódio e pressione o botão “Abrir”.

Ação para adicionar uma capa ao episódio de *podcast* no Anchor

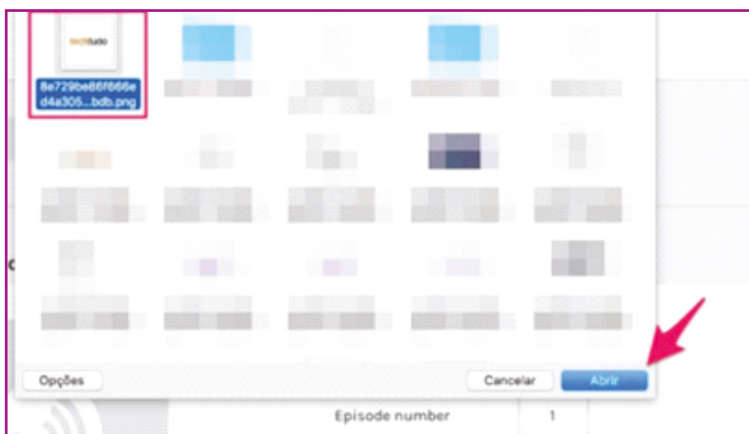


Foto: Reprodução/Marvin Costa.

Passo 10. Regule o tamanho da imagem no enquadramento usando o botão deslizante de zoom e confirme a edição em “Save” quando terminar.

Ação para definir a capa de um episódio de *podcast* no site Anchor



Foto: Reprodução/Marvin Costa.

Passo 11. Pressione “Publish now” para que o *podcast* seja salvo na plataforma do Anchor.

Ação para publicar um *podcast* no site Anchor

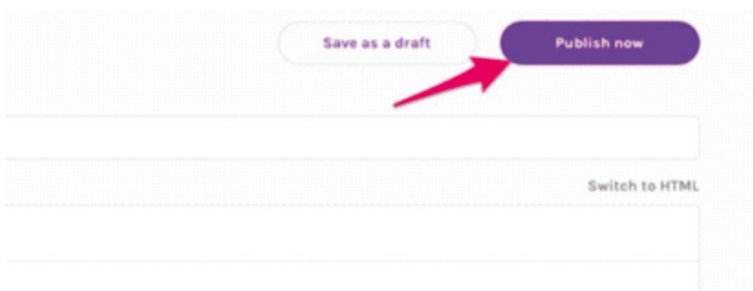


Foto: Reprodução/Marvin Costa.

Passo 12. Nesse momento, selecione a opção “Upload an image” para definir uma imagem para sua página de produtor de conteúdo no Anchor. Essa foto aparecerá como imagem principal do seu *podcast*. No entanto, como mostramos anteriormente, cada episódio pode ter uma capa personalizada.

Ação para escolher imagem para produtor de *podcast* no site Anchor

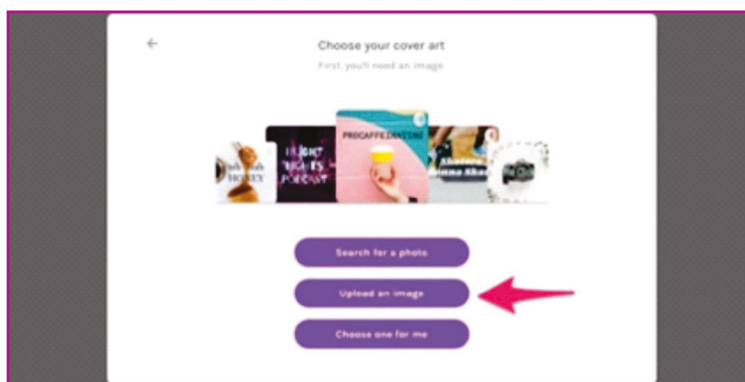


Foto: Reprodução/Marvin Costa.

Passo 13. Selecione em seu PC a imagem que deseja adicionar em seu perfil e escolha a opção “Abrir”.

Ação para escolher uma imagem para usar no perfil de criador de conteúdo do site Anchor

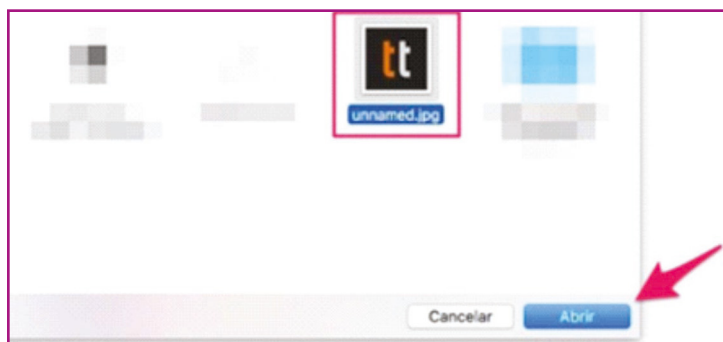


Foto: Reprodução/Marvin Costa.

Passo 14. Caso ache necessário, use as ferramentas de texto para escrever algo sobre a imagem. Caso não ache necessário, desative a opção “Apply Text” e pressione o botão “Update cover art”.

Ação para definir uma imagem de perfil no site Anchor

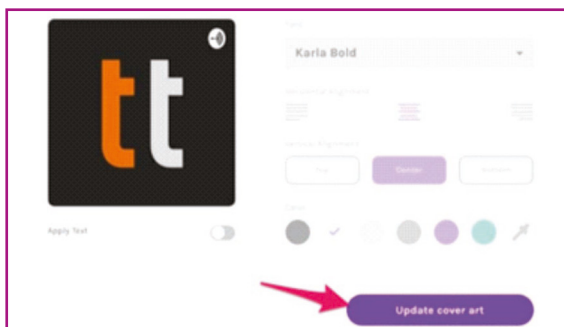


Foto: Reprodução/Marvin Costa.

Passo 15. Para finalizar, será necessário autorizar o Anchor a distribuir seu *podcast* nas plataformas de *streaming* parceiras do *site*. Para isso, assinale a mensagem “Yes. distribute my *podcast*”.

Ação que permite ao Anchor distribuir seu *podcast* nas plataformas de *streaming*

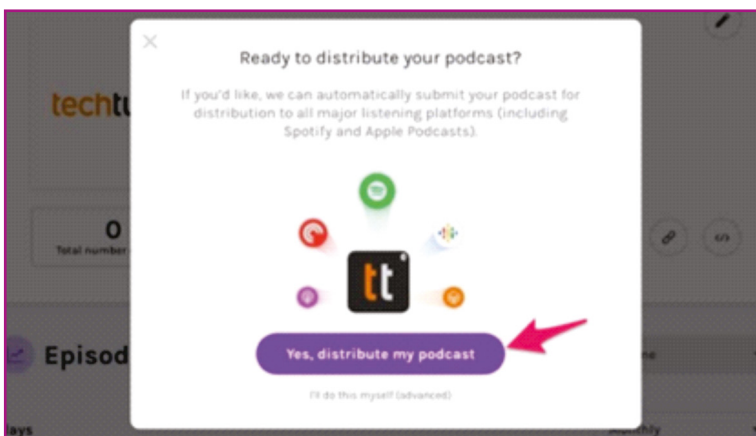


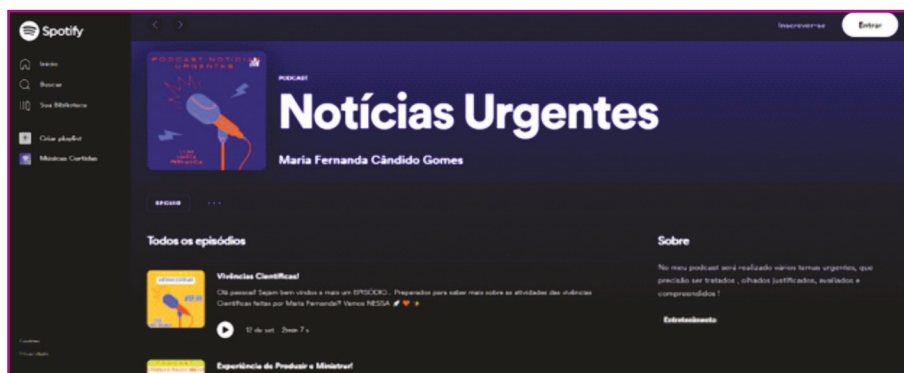
Foto: Reprodução/Marvin Costa.

Pronto! O conteúdo será apresentado em todas as plataformas de *streaming* em algumas horas.

5. Palavras Finais

Mediados pela experimentação de produção de *podcast*, foi possível promover reflexões sobre como a desigualdade social se constitui como um problema no Brasil e no mundo, pois distingue e separa classes sociais a partir de suas diferenças econômicas, étnicas, culturais, educacionais, entre outras. A produção demandou, ainda, questionar as condições de produção desse material, em como deixar a reflexão acessível e interessante. Qual seria o possível público? Que signos (nome e imagem) seriam utilizados na divulgação do *pod-*

cast? Esse trabalho desencadeou elaboração de roteiro, gravação, edição, publicação e divulgação dos produtos, dentre eles, o projeto “Notícias Urgentes”, de autoria da estudante Maria Fernanda Cândido, que pode ser acessado por meio do [link](https://open.spotify.com/show/1RPOTGZkYVeICg1q1REULo?si=2662d3891b11436e&nd=1): <https://open.spotify.com/show/1RPOTGZkYVeICg1q1REULo?si=2662d3891b11436e&nd=1>



Referências

FOSCHINI, A. C.; TADDEI, R. R. *PodCast*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000097.pdf>. Acesso 29 ago. 2022.

*Cúmulo de afeto é afago.
O cúmulo do querer
não deveria ser material,
mas impalpável, longe do toque.
O acúmulo de afeto há que ser querido.
Ou o afeto
ou a ferida.
Morte à dor.
Vida longa à estima.
Norte ao afago,
primo-irmão do afeto.*

Aline Gomes Souza-Zagucha

UMA TARDE COM OS AMIGOS DO CEPAE

Débora Rodrigues de Almeida¹
Elaine Cristina Almeida Sleiman²

Como parte da programação dos projetos “**Videoclubismo Estudantil: escolas de educação básica em cena**” e “**Olhares Singulares sob/renovos Cenários**”, no dia 14 de setembro (quarta-feira), fizemos, educadores e estudantes da Escola Casa Verde, uma visita aos amigos do CEPAE (Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação), localizado no *Campus* Universitário Samambaia/UFG. Foi uma oportunidade para estreitarmos os laços afetivos, para participarmos de uma oficina de edição de vídeos e também para assistirmos algumas apresentações organizadas pelos estudantes e professores do CEPAE, os quais, muitos de nós, conhecíamos apenas pelas telas dos computadores.

1. A viagem

As crianças da Escola Casa Verde: Manuela Vilarinho, Diego Bessa, Juan Trevisan, Vicenti Barbosa, Vicente Jacob, Juliana Bernardes, João Francisco Rodrigues e Raíque Trevisan; embarcaram às 13h rumo ao CEPAE, acompanhadas de suas professoras: Andresa Moreno, Ana Paula Leroy, Débora Almeida e Elaine Sleiman; com bastante expectativas e muita empolgação.

¹ Mestre em Ensino na Educação Básica. Docente de Educação Básica na Escola Casa Verde. E-mail: deboraa_almeida@hotmail.com

² Mestre em Educação. Docente de Educação Básica na Escola Casa Verde. E-mail: elaine_sleiman@yahoo.com.br

Ao chegarmos, fomos recepcionados pela professora Deise Mesquita, a qual nos apresentou a alguns professores do CEPAE, estudantes da pós-graduação da UFG, membros e colaboradores dos projetos: Maria Alice Rocha, Fabiana Fernandes, Júlio Baron, Nicolle Oliveira e Matheus Oliveira.

2. Voz e poesia

Em um primeiro momento, as crianças Manuela, Diego, Juliana e João Francisco gravaram a vocalização do poema *Conto de João*, de Riudy Eduardo Uto. Cada um deles vocalizou uma estrofe desse poema, o qual já havia feito parte de outras experiências de leitura na Escola Casa Verde.

Vocalização do poema



Fonte: Arquivo pessoal.

Feita a vocalização, as crianças participaram, em seguida, de uma oficina de edição de vídeo, a qual foi realizada no laboratório de informática do CEPAE. Todas as crianças presentes participaram desse momento e conhece-

ram um aplicativo de edição chamado *Clipchamp*. Sob a mediação dos professores Júlio Baron, Deise Nanci, Nicolle Oliveira e Matheus Oliveira, vivenciaram uma atividade de junção de imagens, músicas e da vocalização do poema *Conto de João*.

Tal experiência possibilitou a interação com as ferramentas do aplicativo, a discussão entre os pares e o exercício de escuta e escolha das músicas e imagens (pré-selecionadas). Ademais, ao escutar a vocalização do poema por meio de seus pares e de si próprios, tiveram uma nova oportunidade de leitura do *Conto de João*, por um outro “meio/forma”, portanto, uma outra oportunidade de apreciação do poema e da poesia ofertados.

Nesse contexto, vivenciaram uma atividade ímpar, que possibilitou o contato com diferentes linguagens ao mesmo tempo. Outrossim, a oficina foi transmitida pelo *Google Meet* para outras escolas e instituições, situação que nos permitiu uma interação ainda maior com crianças e educadores de diferentes lugares.

Edição no Clipchamp



Fonte: Arquivo pessoal.

3. Arte, projeto e pesquisa: tudo junto e misturado

Após a oficina e uma pausa para o lanche, as crianças da Escola Casa Verde puderam prestigiar a explanação de alguns projetos de pesquisa dos alunos do Ensino Médio do CEPAE.

Conforme explicado pela professora Deise, os projetos contemplavam temas e objetos de pesquisa escolhidos pelos próprios estudantes e que estes faziam parte do processo de conclusão de duas etapas da educação básica: Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Os alunos se revezaram para apresentar seus projetos de pesquisa, os quais abordavam diferentes temas e, ao final, abriram um momento para perguntas referentes ao material apresentado.

Auditório CEPAE



Fonte: Arquivo pessoal.

Logo em seguida, um grupo de alunos fez uma apresentação musical emocionante, nos oferecendo mais uma oportunidade de contato com a arte.

Após as apresentações no auditório, fizemos um *tour* pelo CEPAE, conhecemos os espaços e lugares de convivência, as salas que continham desenhos,

registros poéticos e pinturas feitas pelos próprios alunos do CEPAE e percebemos o quanto a arte estava presente nos projetos, rotina e diferentes lugares dessa escola.

Sala de Aula



Fonte: Arquivo pessoal.

4. O retorno

Ao findar da tarde e da visita, paramos para registrar um dos nossos momentos de despedida. Sentamo-nos em uma escada muito simbólica, que representa, em cada degrau, uma obra literária primorosa. A escada nos remeteu a sentimentos humanos muito comuns, o sentimento da expectativa, da caminhada, da superação de obstáculos, da descoberta e do desejo de querer chegar a algum lugar, sobretudo, a novos lugares, sempre.

Espaço, lugar e poesia



Fonte: Arquivo pessoal.

Enquanto instituição de ensino, o CEPAE nos preencheu de ideias, conhecimento, exemplos e possibilidades, “ferramentas” importantes para a caminhada rumo aos saberes diversos, a qual nunca se findará. Enquanto “lugar de gente”, nos acolheu, nos preencheu de afeto, beleza, alegria e esperança.

Ao final, por volta das 17h, fizemos um segundo registro fotográfico de despedida, em frente a uma escultura de Léo Pincel, que instigou a imaginação e a curiosidade das nossas crianças atentas e curiosas: “Isso é uma coruja?”

Gente, lugar e poesia



Fonte: Arquivo pessoal.

Toda essa gente e espaços lindos ficarão em nossas memórias de escola e de infância felizes.

*Só porque era domingo,
os bem-te-vis queriam avisá-la de que a vida é um belo bem
Só porque era domingo,
os quero-queros queriam avisá-la de que querer apenas não vale a pena
Só porque era domingo,
a solitária sabia queria avisá-la de que certos pássaros também sabem e sofrem
por desamor
Só porque era domingo,
a insetaiada toda queria avisá-la de que há escolhas boas a se fazer.*

Aline Gomes Souza-Zagucha

VIVÊNCIA SISTÊMICA COM FANZINES

Guilherme Romano¹
Giovana Alves Nogueira²
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha³
Murilo Romano⁴

Apresentar o *fanzine* como mais uma possibilidade de produção criativa e científica na escola foi o que nos levou a propor a vivência sistêmica com os estudantes do projeto de extensão. O *fanzine* é um formato artesanal que pode apresentar qualquer assunto ou temática, é um livrinho original, onde a imaginação e a criatividade dão o tom – você pode explorar qualquer assunto e usar recortes, pinturas, desenhos, colagens etc.

Ele começou a ser explorado por diversos escritores, dizem que o primeiro *fanzine* brasileiro foi publicado em 1965, pelo desenhista Edson Rontani, apresentando textos e desenhos sobre os personagens dos gibis, curiosidades e notícias. Até hoje há escritores que publicam *fanzines* e muitos leitores fazem coleções com eles, muito legal, hein?

Existem muitos *sites* que ensinam a fazer *fanzine*, o Folhinha Aplicada, por exemplo, apresenta na edição 46, volume 11, vários exemplos e também na edição 56, volume 13, há um vídeo do Murilo Romano, ensinando a dobrar o

¹ Discente do 3º ano do Ensino Fundamental no CEPAE/UFG. E-mail: maurício@ufg.br

² Graduanda em Biblioteconomia na UFG e estagiária no CEPAE/UFG. E-mail: giovana.alvesng@gmail.com

³ Doutora em Educação. Docente de Educação Básica e pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/CEPAE/UFG). E-mail: maria.carvalho@ufg.br

⁴ Discente do 5º ano do Ensino Fundamental no CEPAE/UFG. E-mail: Murilo.romano.murilo.romano.2011@gmail.com.

papel de uma maneira bem interessante. Essas edições foram apresentadas na oficina realizada no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação, da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG).

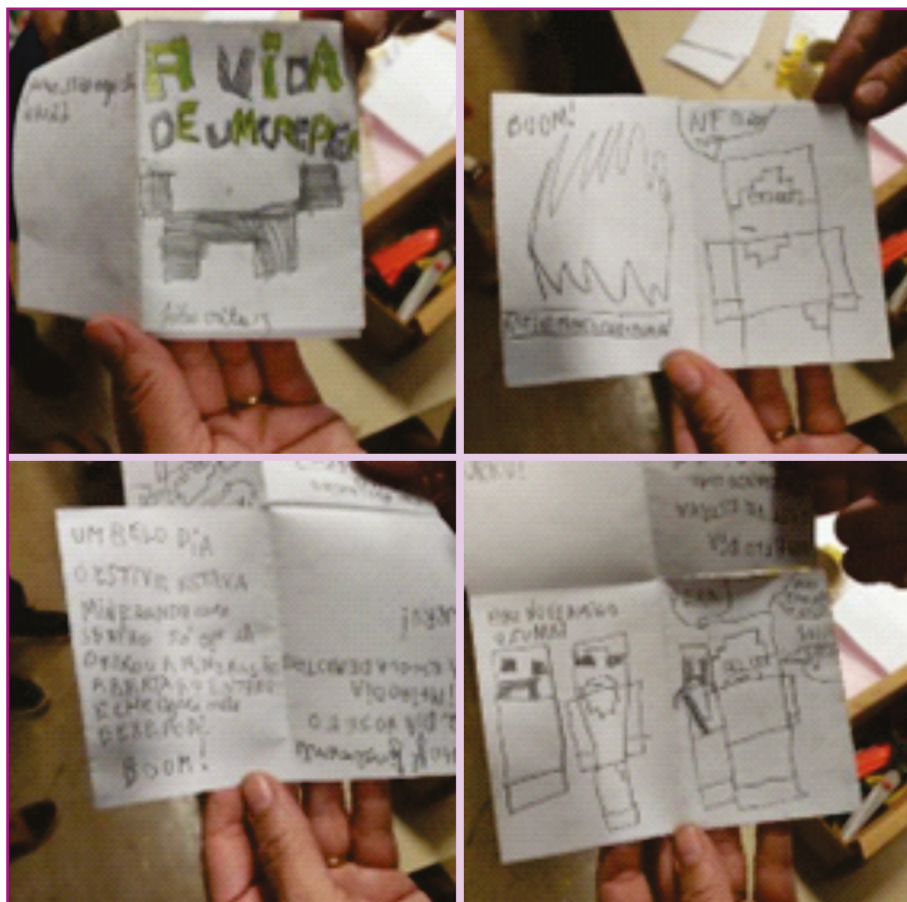
A oficina “Vivência Sistêmica com *Fanzines*” ocorreu no dia 31 de agosto, tanto presencialmente, com a participação dos alunos do CEPAE-UFG, quanto via transmissão *Google Meet*, para professores e alunos de outras escolas.



Como colaboradores do projeto *Folhinha Aplicada* (www.folhinhaaplicada.com) e envolvidos no processo de criação de atividades com os *fanzines*, nos sentimos muito realizados ao ver os alunos colocando o plano em ação – foi bonito assistir às crianças e aos demais acompanhantes deixarem a imaginação fluir e transformarem seus gostos ou até mesmo partes simples de suas rotinas em Arte.



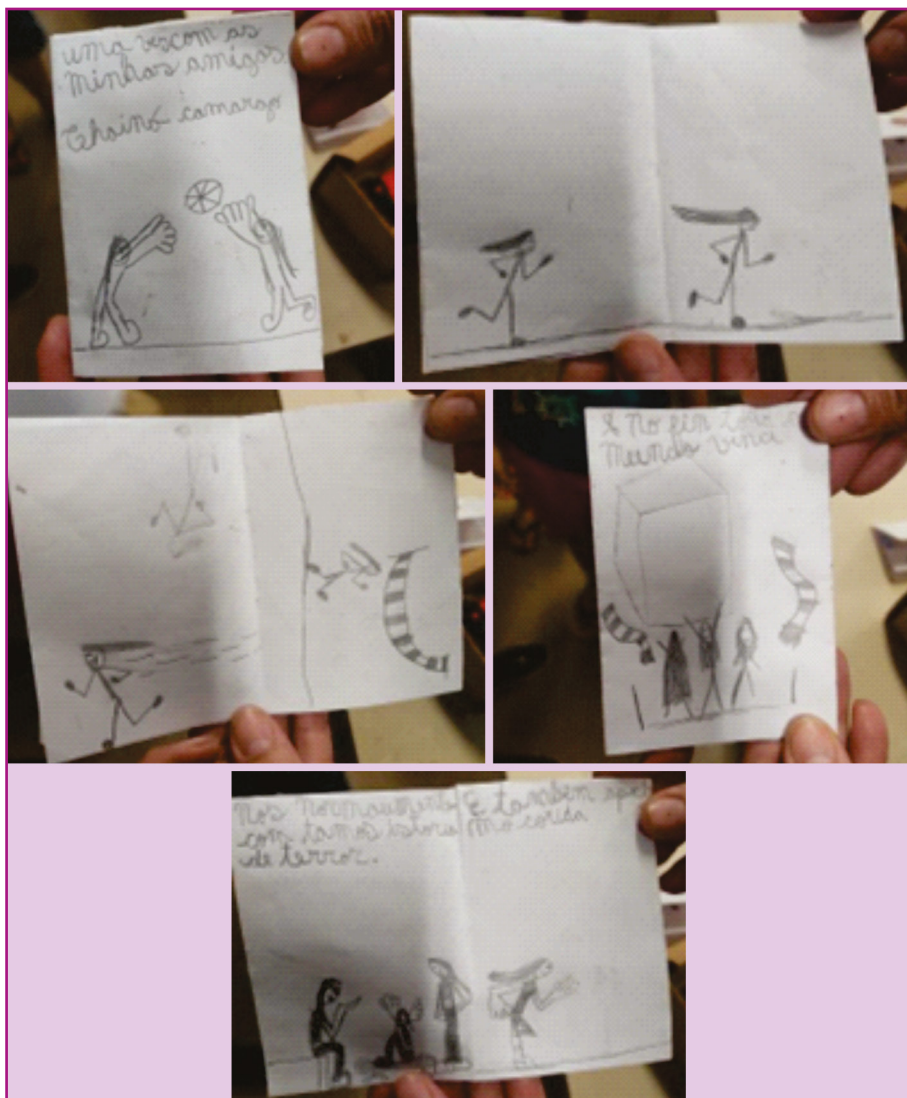
Creemos que esse foi o principal objetivo da oficina: fazer com que os participantes, em especial, as crianças, representassem, com a ajuda de materiais triviais como lápis, papel e dobraduras, aspectos de suas vidas de forma criativa.



Com a realização da oficina, obtivemos um resultado muito satisfatório, visto que recebemos uma quantidade expressiva de *fanzines*, com conteúdos únicos que diferenciavam e representavam a experiência e identidade de cada aluno.



A cada *fanzine* lido, um novo universo era explorado, e chegou a ser surpreendente visualizar essa disposição das crianças com a atividade proposta – o que tornou, em nossa concepção, a experiência ainda mais especial. Esperamos que fiquem inspirados a usarem o *fanzine*, mãos à obra!



Referências

CEPAE/UFG. *Folhinha Aplicada*: jornal digital na Educação Básica. In: www.folhinhaaplicada.com Acesso: 10 out. 2022.

Universo HQ. In: www.universohq.com. Acesso: 10 out. 2022.

Parte II

EXPERIMENTAÇÃO

ARTÍSTICA ESTUDANTIL

*Mudava de endereço facilmente,
como um pescoço de coruja.
Antes, estava na civilização,
onde o desumano é querido,
e a feitura da vida tratada com o sentir mecânico.*

Mas sentia tudo como tinha de ser.

*Pois era um ser,
que se adaptava.*

*E assim, era levado,
de endereço em endereço.*

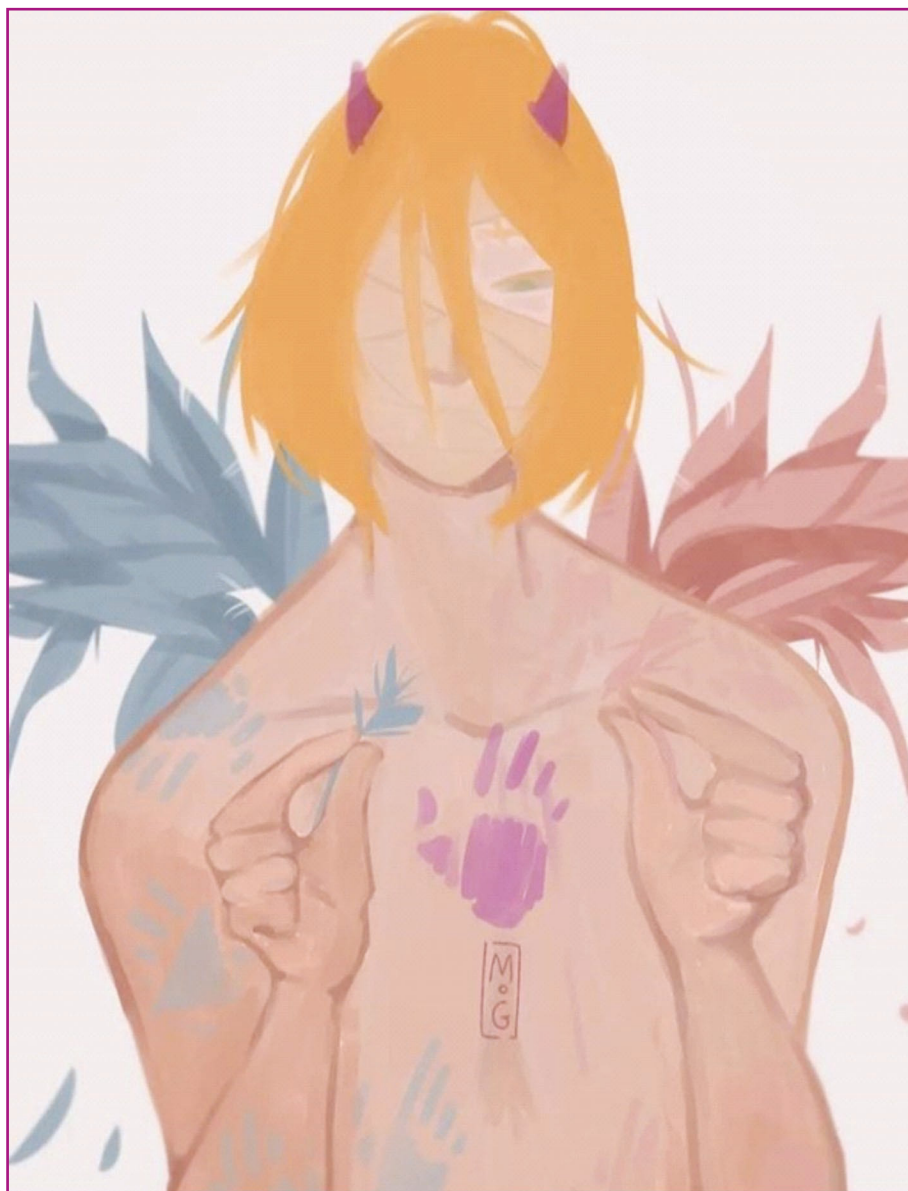
*Agora já estava no endereço modo rural:
onde lidava com o triscar de ramos;
com o observar inocente de Marias-sem-vergonha;
com o brincar de medir o amor com pétalas de flores.*

Estava longe do tudo-fazer-sem-sentir.

E perto do sentir-sem-quase-nada-importar.

Estava no tratar de contentamento, apenas contemplando luares e madrugadas.

Aline Gomes Souza-Zagucha



Luana Oliveira Menês

PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM LINGUAGEM ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Deise Nanci de Castro Mesquita¹
Flávia Motta de Paula Galvão - CEPAE/UFG²

“O que faz da educação uma arte é precisamente quando a educação é também um ato de conhecer (...) a amplitude do ato de conhecer é desvelar um objeto, o desvelar dá ‘vida’ ao objeto”.
(SHOR; FREIRE, 1996, p. 509)

No início do ano de 2022, em meados do mês de abril, o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG) voltou às atividades presenciais: aulas regulares e disciplinas eletivas; e híbridas: projetos de ensino, de pesquisa e de extensão, seguindo rigorosamente as medidas de segurança ainda vigentes (álcool em gel, uso de máscaras e certo distanciamento).

Para compor o leque de disciplinas eletivas oferecidas aos alunos do Ensino Médio no 1º semestre do ano letivo, nós, professoras do Departamento de Língua Portuguesa, organizamos e desenvolvemos uma proposta, cujo título “Experimentação artística e produção científica na educação básica” já antecipa o seu objetivo, que é desenvolver, ampliar e problematizar, com e entre os adolescentes, os seguintes elementos da ementa: i) a experimentação artística sobre temas contemporâneos na escola de educação básica; ii) a popularização da ciência e o ativismo estudantil; e iii) a produção científica em linguagem

¹ Doutora em Letras e Linguística. Docente de Educação Básica no CEPAE/UFG. E-mail: mesquitadeise@ufg.br

² Doutora em Estudos Linguísticos. Docente de Educação Básica no CEPAE/UFG. E-mail: flavia.galvao@ufg.br

visual, oral e audiovisual em mídias digitais (grafite, pintura, fotografia, dança, manifestação musical instrumental, canto, *podcast*, curta-metragem).

Dessa maneira, a disciplina visou possibilitar aos estudantes o desenvolvimento de pesquisas científicas através da experiência artística, expandido a noção de que o conhecimento científico se desenvolve exclusivamente pela escrita alfabética, por meio de monografias ou outros gêneros textuais cristalizados no âmbito acadêmico; e, bem como postulado por Shor e Freire (1996) na epígrafe deste texto, propiciando o *desvelamento de um objeto*.

Esta proposta tem sua base teórica fundamentada na ótica estruturalista de Saussure (1995) e de Lacan (1998), em Freud (1900), cujos estudos sobre a língua/linguagem se sustentam na compreensão de que toda e qualquer manifestação linguageira adotada pelo ser humano (seja ela verbal, oral ou escrita, e não verbal, traduzida em imagem estática ou em movimento) só se presta a representar a realidade em seu aspecto simbólico, *metaforonímico*. Isto implica dizer que a língua/linguagem é social, dinâmica e causa de sujeito, e não uma ferramenta criada, ordenada e controlada pelo ser humano com vistas a comunicar.

Partindo dessa compreensão, não parece coerente pensar que uma produção humana em escrita alfabética formal possa ser a única linguagem capaz de abarcar elaborações acadêmicas e científicas. Afinal, o que dizer daqueles sujeitos com e sem deficiências que não se valem, exclusivamente, da fala ou da escrita alfabética para veicular suas ideias, argumentações e elaborações, e que lançam mão dessas outras linguagens para interagir no mundo? Diante desse fato, torna-se imperioso perguntar: como garantir o direito inalienável de todo ser humano de participar, criar e usufruir do conhecimento científico dentro e fora da Academia, por meio de seu ingresso e permanência em escolas de educação básica e em cursos de graduação e pós-graduação?

Ao se propor uma ação educativa pela via da experimentação artística utilizando uma linguagem cada vez mais acessível à comunidade escolar, a visual e audiovisual, o que se preconiza é que a imagem tem a mesma potência criativa da palavra (escrita e/ou falada), quando esta, também pela via das artes, se presta a desconstruir estereótipos etnocêntricos e discriminatórios que ajudam a humanidade a enxergar e a reelaborar o mundo, a partir de uma perspectiva decolonial de resistência e superação de padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos minoritários e subalternizados.

Nessa perspectiva, consoante Brito, entende-se que “a função primordial da educação escolar é contribuir para o desenvolvimento intelectual e social dos alunos, em especial no que concerne aos conhecimentos que expandem o cotidiano e rompem com o senso comum” (BRITO, 2012, p. 83). Nesse sentido, é imprescindível uma

[...] ação pedagógica que leve o estudante a perceber a língua e a linguagem como fenômenos históricos complexos, a compreender seu funcionamento, usos e formas, bem como a saber usá-la com propriedade nas modalidades oral e escrita, em especial para estudar e aprender a viver sua subjetividade. (BRITTO, 2012, p. 84)

Destaca-se, dessa concepção, a incumbência da educação com a reflexão e com o uso linguístico, que não são tomados como um fim em si mesmos, mas podem ser aparatos para o estudo, a aprendizagem e a constituição da subjetividade. Por isso, também, o conceito de ensino e aprendizagem adotado nessa ação educativa se sustenta, sobretudo, no desenvolvimento de experiências criativas, de análise e síntese e de envolvimento dos estudantes em seus contextos específicos.

É válido destacar que, no CEPAE, os alunos já desenvolvem pesquisa científica ao longo do Ensino Médio. O projeto é intitulado “Trabalho de Conclusão do Ensino Médio” (TCEM), no qual, desde o primeiro ano, os alunos escolhem uma temática, desenvolvem uma pesquisa orientada por um professor e, ao final do terceiro ano, defendem seus trabalhos diante de uma banca e de convidados. Ademais, no ensino fundamental dos anos iniciais e finais, os alunos também já têm acesso a essa dinâmica das pesquisas, os quais começam a ter orientações sobre elementos que constituem a produção científica. Assim, a disciplina “Experimentação artística e produção científica na educação básica”, nesse conjunto, corrobora um trabalho contínuo de que a educação não se limita aos conteúdos em sala de aula e que pode propiciar a formação de pessoas mais críticas, democráticas, autônomas, conscientes e empenhadas em mudanças de cunho social, econômico, político e cultural.

Não obstante, sob a alegação de que a investigação científica exige um método de pesquisa sistemático, submetido a rigorosas etapas de observação, identificação do problema, investigação, análise e elaboração fundamentada

em evidências, talvez ainda haja alguma discordância em relação a nossa afirmação de que, sim, as produções artísticas desenvolvidas e apresentadas em linguagens visuais e audiovisuais são capazes de traduzir o processo e o resultado de uma autêntica e fidedigna investigação científica. E para sustentar nossa argumentação e provocar uma saudável discussão, trazemos à luz algumas pontuações de Barthes, quando trata *Da Ciência à Literatura*, em sua obra “O Rumor da Língua” (Barthes, 2004). A partir da citação que se segue, por exemplo, podemos perguntar: que inferências podem ser feitas, trocando, sem perjúrio ou insensatez, o termo “literatura” por “arte” em geral?

A literatura tem todos os caracteres secundários da ciência, quer dizer, todos os atributos que não a definem. Seus conteúdos são aqueles mesmos da ciência: não há, por certo, uma única matéria científica que não tenha sido, em algum momento, tratada pela literatura universal: o mundo da obra é um mundo total onde todo o saber (social, psicológico, histórico) tem cabimento, de modo que a literatura tem para nós essa grande unidade cosmogônica de que fruía os antigos gregos, mas que nos é hoje recusada pelo estado parcelar da nossa ciência. Além disso, como a ciência, a literatura é metódica: tem os seus programas de pesquisa, que variam conforme a escola e conforme as épocas (como aliás os da ciência), as suas regras de investigação, por vezes mesmo suas pretensões experimentais. Como a ciência, a literatura tem a sua moral, certa maneira de extrair, da imagem que ela se propõe do seu próprio ser, as regras do seu fazer e de submeter, conseqüentemente, os seus empreendimentos a certo espírito de absoluto. Um último traço une a ciência e a literatura, mas esse laço é também aquele que as separa mais certamente do que qualquer outra diferença: as duas são discurso (o que bem exprimia a ideia de logos antigo), mas a linguagem que a ambas constitui, a ciência e a literatura não a assumem, ou, se preferirem, não a professam da mesma maneira. (BARTHES, 2004, p. 4)

De fato, se transpusermos as formulações de Barthes sobre a linguagem literária para a linguagem visual e audiovisual, chegaremos a postulações bem semelhantes, se não às mesmas constatações: o rigor metodológico exigido na produção de qualquer conhecimento, científico e/ou artístico, baseado em evidências empíricas que não se curvam a postulados teóricos e não se reduzem a meros simulacros da realidade, obedece às mesmas regras. Em primeiro lugar, deve ser uma produção autoral, o que implica transformar uma história, uma ideia, uma hipótese, uma suposição, uma tese... em uma sequência de argu-

mentos (escritos, fotografados, filmados etc.) coesos e coerentes, de forma criativa e original, que estejam sustentados em premissas lógicas, ainda que ficcionais, dependendo do gênero.

Em todos os casos, para se definir a pesquisa, são exigidos planejamentos que não prescindem de uma investigação minuciosa, um estudo criterioso sobre o que já está estabelecido a respeito do assunto, e quais e de que forma novos elementos podem trazer uma ressignificação ao tema (revisão bibliográfica). Para tanto, um passo a passo minucioso deve ser seguido (projeto): recorte temático entre os vários possíveis sobre o tema escolhido (formulação de um problema de pesquisa); escolha de uma abordagem que reflita a relação do produtor/autor com o tema, o seu posicionamento a respeito dele (hipótese do trabalho); argumentos, materiais, recursos, formatos, linguagens, personagens etc. essenciais às cenas fotográficas ou fílmicas que compõem os emaranhados que dão sustentação à trama central (elaboração de objetivos gerais e específicos). O valor estético do produto visual/audiovisual, ou o reconhecimento de sua reputação artística, baseado no uso ético dos materiais e métodos de captação e exibição (metodologia), só pode ser alcançado quando este se manifesta de forma singular e, ao mesmo tempo, configurada em traços universais, composta de elementos espaciais e temporais que impermeabilizam sua transitoriedade e repetibilidade, mantendo, assim, o seu invólucro de autenticidade (autoria). A esta faculdade estética, Benjamin (1993) reputa o termo “aura”:

Mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. E nessa existência única, e somente nela, que se desdobra à história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou. Os vestígios das primeiras só podem ser investigados por análises químicas ou físicas, irrealizáveis na reprodução; os vestígios das segundas são o objeto de uma tradição, cuja reconstituição precisa partir do lugar em que se achava o original. O aqui e agora do original constitui o conteúdo da sua autenticidade, e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias, como sendo aquele objeto, sempre igual e idêntico a si mesmo. *A esfera da autenticidade, como um todo, escapa à reprodutibilidade técnica, e naturalmente não apenas à técnica* (grifos do autor). (BENJAMIN, 1993, p. 167)

Isto posto e movidas pela urgência de se pensar um trabalho educativo com vistas à emancipação dos sujeitos, particularmente em momentos obscuros como o vivenciado no Brasil recentemente, reconhecido pelos avanços ideológico e político dos setores mais reacionários e conservadores, os quais, de maneira insistente, engendram críticas danosas ao pensamento científico, desvalorizam e atacam o trabalho educativo, a disciplina teve como intuito o processo de escolarização a serviço de uma formação de consciências críticas e que atuem nessa mesma realidade motivadas pela superação das condições impostas pela sociedade desigual e classista vivenciada.

A partir disso e respaldadas por essa lógica, a disciplina foi dividida em três módulos. No primeiro, os alunos tiveram acesso aos elementos principais de uma pesquisa, como devem ser constituídos e desenvolvidos. Para isso, as professoras trouxeram questões sobre escolha e recorte da temática, constituição das questões de pesquisa, justificativa, objetivos e recorte teórico-metodológico (ECO, 2012). Além da apresentação dos elementos que constituem a pesquisa científica, foram feitas discussões sobre as fontes de pesquisas e temáticas contemporâneas, uma vez que o uso da internet facilitou o trabalho de busca de referências, mas, concomitantemente, trouxe a construção e a difusão de meras opiniões, informações falsas, sem dados de constatação e/ou argumentações confiáveis.

Por isto, um ponto nodal desse módulo foi o cuidado com as fontes fidedignas de pesquisas, pois, conforme apresentado, tinha-se uma preocupação com o rompimento do senso comum, principalmente, devido à veiculação de *fake news*. Na atualidade, os jovens estão imersos em muitas informações, mas o que se percebe é uma dificuldade exacerbada em discernir o que é opinião do que é estudo e ciência, e acabam muitas vezes reproduzindo inferências que não têm nenhum respaldo racional e/ou verossímil, ou seja, divulgando ideias, suposições, desejos, mas não efetivamente fatos.

Segundo Santaella (2019) e Nascimento (2020), a progressão da rede digital de informação e comunicação e a produção de “informações” equivocadas e deturbadadas da realidade provocam conflitos às relações sociais e estão presentes em todos os espaços de convivência, inclusive, na escola, constituindo um engodo para a educação. Para Rodrigues (2021, p. 187), as *fake news* divulgadas no mundo virtual estão sendo “responsáveis por sabotar os esforços de professores e professoras Brasil afora”. Por isso, frente a esse cenário, as professoras ti-

veram esforço especial em trazer essas discussões e referenciais teóricos para tentar minimizar os efeitos dessas informações inverídicas e possibilitar um trabalho de fato preocupado com o desenvolvimento e a popularização da ciência.

Além disso, as professoras trouxeram exemplos de pesquisas já desenvolvidas a partir das múltiplas visualidades, as quais foram inclusive apresentadas em eventos científicos e publicadas em livros digitais (Escola de Educação básica para todos – volumes I ao IX)³. Assim, ao fim do primeiro módulo, os alunos puderam ter uma dimensão maior da pesquisa científica a partir de uma experimentação artística.

No segundo módulo, os alunos apresentaram as suas ideias iniciais sobre suas temáticas e objetivos, tiveram acesso a outras formas de linguagem (*fanzine*, curta-metragem, *podcast*) e foram orientados no desenvolvimento de seus trabalhos. Com o intuito de reiterar a importância de se investigar uma questão, cujo resultado da pesquisa contribuísse para ações concretas e, assim, garantisse o protagonismo estudantil, foram trazidos à discussão problemas referentes à perplexidade, à paralisação e ao negacionismo frente ao inusitado vírus que ainda segue incógnito e causando desconfiância, insegurança, perdas e sofrimentos. Em sala de aula, tratamos sobre aspectos do isolamento social ao qual fomos submetidos, a relevância da vacinação e o respeito às normas sanitárias com vistas a um “novo normal”; e problematizamos: que “novo normal” é esse? Como está, agora, a relação dos homens com a natureza e seus semelhantes? Melhor? Mais humanizada? Mais altruísta? Menos materialista?

Estas indagações, entre outras, se desdobraram nos problemas de pesquisa que os estudantes de educação básica matriculados nessa disciplina escolheram investigar. Também o estudo dos conteúdos escolares pôde lhes fornecer categorias para observação e análise da realidade, e ampliar o entendimento sobre o papel do homem no mundo e potencializar suas inatas criatividades. Como produto da pesquisa, o que se solicitou foi que a experimentação artística tivesse como objetivo provocar nos espectadores uma reação de estranhamento ao que veem, analisam e elaboram, ou seja, que suas produções visuais/ audiovisuais fossem manifestadas, transfiguradas, representadas, e não meramente ilustradas, em imagens, estáticas e em movimento, sons e gestos, configurando-se, pois, em uma “afetação” que induz à busca, ao movimento, à (re)ação por um mundo melhor, ético.

³ Para maiores informações acessar: <https://forumescolaparatodos.com.br/e-books/>

Cada aluno ou grupo expôs para a turma quais seriam as visualidades escolhidas e como desenvolveriam seus trabalhos. Para ajudá-los no processo, foram propostas atividades para que pudessem expandir suas percepções sobre visualidades: uma atividade com *fanzine* e outra com a produção de documentário, ambas oferecidas por alunos-estagiários do curso de Letras da UFG. Outra atividade foi a exibição de curtas-metragens que haviam sido produzidos por alunos do CEPAE na disciplina eletiva “Videoclube Cepae em Cena”, oferecida durante o período de Ensino Remoto Emergencial. Com isso, os estudantes puderam entender melhor outras formas de linguagens e como poderiam se apropriar desses recursos para utilizá-los em seus trabalhos com o auxílio e a orientação das professoras e dos estagiários.

O terceiro momento foi reservado à apresentação e à discussão dos resultados das pesquisas e, após ouvirem os comentários e sugestões dos colegas de classe, foram realizadas algumas revisões que, posteriormente, culminaram em uma nova exposição para a turma e para um público externo, e na entrega final de todas as produções artísticas, das quais algumas fazem parte desse Volume X da coletânea “Escola de Educação Básica para Todos!”.

De forma geral, foram apresentadas pesquisas bem diversas e com múltiplas visualidades e, ao fim e ao cabo, o protagonismo e o ativismo estudantil puderam ser ampliados frente a experimentação artística. As produções artísticas acompanhadas de breve argumentação, problematização e exposição de dados, disponíveis neste volume X, ilustram a contemporaneidade das temáticas. São elas: a liberdade de expressão artística no CEPAE, a relação entre a escravidão e o mercado moderno, por que o ser humano sonha?, timidez: uma dor silenciosa, história e vida/morte de Yonlu e críticas duvidosas para pessoas desastrosas. E as demais, que não foram disponibilizadas para essa publicação, também abordam questões caras aos estudantes: a pandemia de Covid-19 no Brasil, o festival de Içanga, o uso medicinal do canibidiol, o paradoxo igualdade X equidade, os estereótipos na sociedade brasileira etc.

No encerramento da disciplina, no dia 14 de setembro, os secundaristas do CEPAE receberam alguns estudantes dos anos iniciais da Escola Casa Verde, que vieram assistir às suas apresentações e dialogar sobre a “educação do olhar e da escuta” no desenvolvimento de pesquisas científicas e na experimentação artística, além de oferecerem um sarau de piano, canto e vocalização de poemas.

CEPAE - 2022/1
Experimentação Artística
e Produção Científica na Educação Básica
A Relação entre a Escravidão e o Mercado Moderno
 por Eduardo Reis (2A), Erick Alvarenga (1A) e João Gabriel Montalvão (2A)

Dia 14/09 - 4ª feira - 16h
 Auditório do Cepae

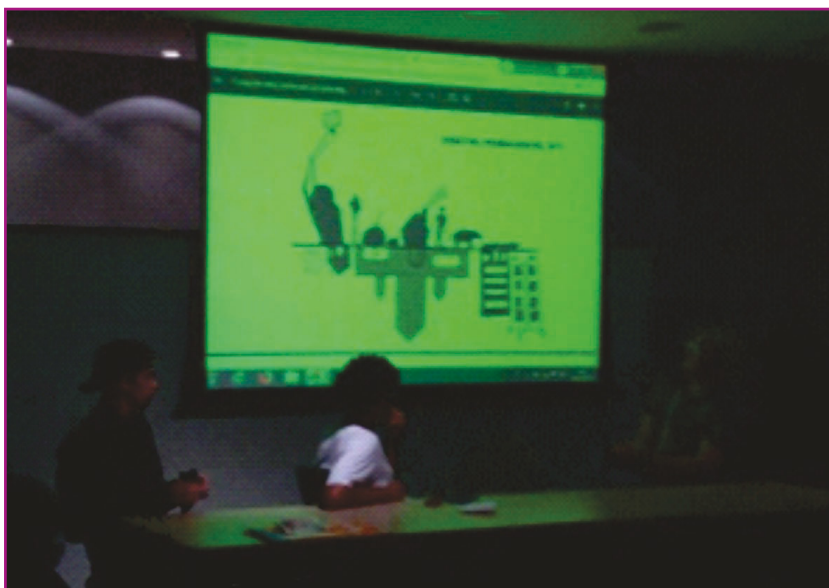


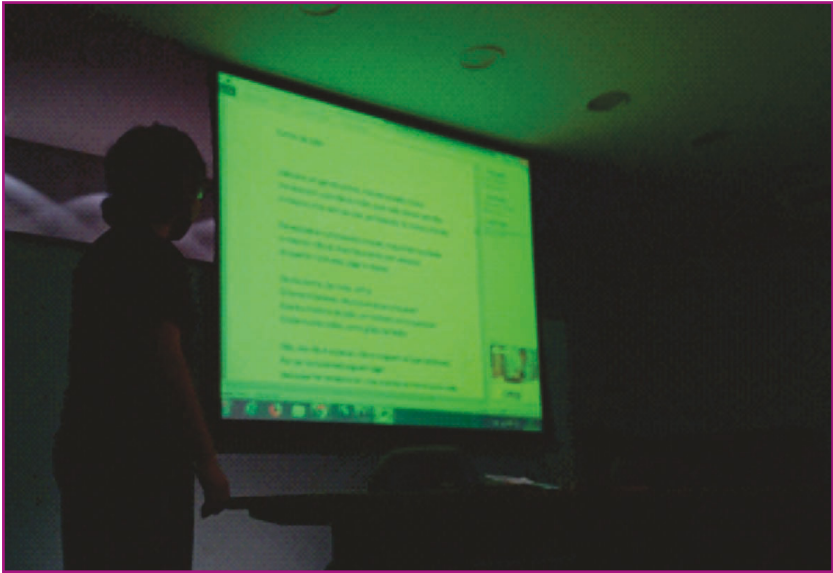
CEPAE - 2022/1
Experimentação Artística
e Produção Científica na Educação Básica
Por que o ser humano sonha?
 por Sabrina Rodrigues & Leticia Lima

Dia 14/09 - 4ª feira - 16h - Auditório do Cepae



Figura 2 - Apresentação de pesquisa e sarau, pelos alunos do Ensino Médio - CEPAE/UFG





Atuar em prol de um projeto mais inclusivo e igualitário requer, portanto, o investimento em formação educacional humanista e democrática, que consiga minimizar a descrença política que se consolidou no Brasil nos últimos anos e potencializar a prática de uma sociedade mais crítica e que seja capaz do diálogo. Lembremos que a democracia é uma práxis em construção e, mesmo com seus desalentos, é possível aprimorá-la com o intuito de ampliar a dimensão política da cidadania e de buscar e resgatar direitos sociais (SCHWARCZ, 2019). Nessa lógica, por meio da disciplina, busca-se

uma pedagogia associada a uma atividade social que transforme o estado de coisas e que tenda a criar ao homem condições tais que a sua existência se possa tornar fonte e matéria-prima da sua essência. A educação virada para o futuro é justamente uma via que permite ultrapassar o horizonte das más opções e dos compromissos da pedagogia burguesa, [defendendo que] (...) a realidade presente não é a única realidade e que, por conseguinte, não é o único critério de educação. O verdadeiro critério é a realidade futura. (SU-CHODOLSKI, 2000, p. 102)

Referências

BARTHES, R. 2004. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes.

BENJAMIN, W. 1993. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense.

BRITTO, L. P. L. *Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

CHWARCZ, L. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Comp. das Letras. 2019.

ECO, Umberto. *Como se Faz uma Tese*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. 24. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FREUD, S. 1996. *Interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

LACAN, Jacques. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 496-536.

NASCIMENTO, C. E. G. *Fake news*, mentira organizada e educação: uma reflexão a partir do pensamento de Hannah Arendt. *Revista docência e cibercultura*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 243-263, jan/abr, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/redoc.2020.47553>>. Acesso: 05 abr. 2021.

RODRIGUES, I. Usos pedagógicos para YouTube e podcasts. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (Org.). *Novos combates pela história: desafios – ensino*. São Paulo: Contexto, 2021.

SANTAELLA, L. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* São Paulo. SP: Estação das letras e cores, 2019.

SAVIANI, D.; DUARTE, N. (Org.). *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

SHOR, IRA; FREIRE, PAULO. O professor como artista. In: GADOTTI, Moacir (org). *Paulo Freire: Uma bibliografia*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996. p. 509.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995

SUCHODOLSKI, B. *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

Reatriz

Entelequia

Quando eu pensava que não sabia tudo

Eu me deparo com uma palavra nova

E cheia de beleza

O pior não é não saber a palavra

O pior é nunca ter vivido experiências

Dominadas por tal significante

O pior é ficar à mercê

De não ter vivido o que a palavra apenas nomeia

Aline Gomes Souza-Zagucha

FANZINE COMO RECURSO DIDÁTICO PARA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Júlio César Kohler Damasceno Baron¹

Como requisito para cumprimento do componente curricular obrigatório “Estágio em ensino de Língua Portuguesa I” junto ao curso de Letras – Português (Licenciatura) da Universidade Federal de Goiás (UFG), foi realizado acompanhamento da disciplina eletiva “Experimentação artística e produção científica na educação básica”, de junho a agosto de 2022, nas dependências da escola-campo Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE). As atividades foram supervisionadas pelas professoras Deise Mesquita e Flávia Galvão.

Num geral, a disciplina girou em torno da preparação e acompanhamento da turma para produção de uma peça artística, bem como apresentação em público e entrega de parte escrita por onde foi justificada a escolha, além de descrição dos objetivos, percurso para elaboração e resultados obtidos. Com temas e interfaces escolhidas conforme preferência dos respectivos grupos de alunos, as atividades consideraram a produção de conhecimento científico por meio de outras possibilidades de expressão, diferentes dos gêneros textuais convencionais.

Antenada às demandas do tempo presente, a noção de popularização da ciência aparece desse modo alinhada ao protagonismo estudantil, proporcionando a oportunidade de formular discursos através das especificidades técnicas que orientam as linguagens visual, oral e audiovisual em mídias digitais ou não, como pintura, fotografia, dança, manifestação musical instrumental, canto, *podcast*, curta-metragem, entre outros. Pensando nessas possibilidades de

¹ Discente do Curso de Letras (FL/UFG). Bolsista de Iniciação Científica (CNPq) e estagiário no CEPAE/UFG. E-mail: juliobaron@discente.ufg.br.

expressão, propus, sob supervisão e acompanhamento das professoras orientadoras, a apresentação do trabalho a partir do formato *fanzine*.

Na medida em que oferece rara oportunidade de criação tanto em termos de forma quanto de conteúdo, consideramos o *fanzine* uma importante ferramenta de expressão. Possibilitando ao aluno a apropriação de todas as etapas do processo de produção, ele tem em mãos a possibilidade de emergir linguagens várias, constituindo-se como sujeito do discurso na medida em que expressa visão de mundo a partir de suas perspectivas e capacidades artísticas, seja documentando uma realidade observada, seja recriando a própria a partir de uma interface que é multifacetada.

Assim, foi feita uma explicação panorâmica sobre o surgimento dos *fanzines* durante encontro em sala de aula no dia 13 de julho de 2022, inclusive com exemplificação através de amostras de formatos e conteúdos diversos. Como não existem regras fixas para composição do material, essa exposição propôs a liberdade criativa como requisito para produção, o que foi ao encontro da ementa da disciplina trabalhada. Tendo em vista que ao menos dois grupos usaram esse formato para apresentação, consideramos que houve êxito na adesão, cumprindo-se o objetivo proposto.

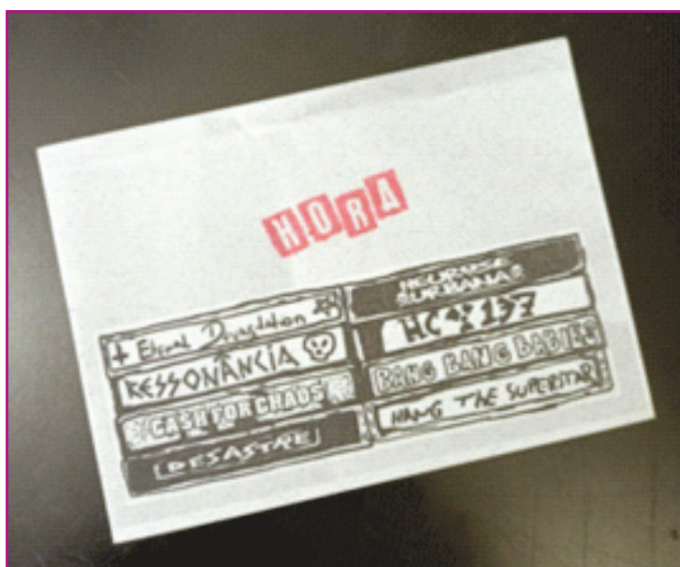


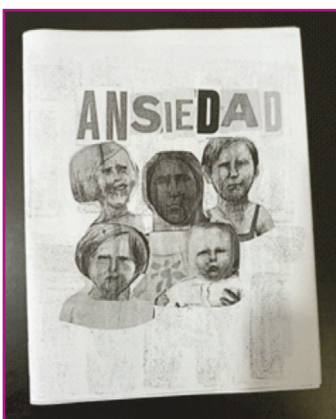
Uma vez que “o pensamento crítico dos sujeitos acerca dos sentidos de si e da realidade na qual estão inseridos começa, pois, pela livre expressão de seus imaginários” (ANDRADE; SENNA, 2015, p. 2882), os trabalhos sobre “Igualdade e Equidade”, bem como a exposição fotográfica de expressões artísticas encontradas em paredes da escola pela via do *fanzine* revelaram um olhar crítico, ao mesmo tempo em que possibilitaram aguçamento dos sentidos para assuntos externos urgentes e uma aproximação entre o aluno e as características da escola que frequentam. Consideramos isso de fundamental importância para a formação do estudante.

Lembramos, ainda, que todo o processo de composição foi executado pelos alunos, o que reforça a aproximação do *fanzine* como alavanca para o protagonismo estudantil e contribui para a tomada de consciência sobre o lugar que o aluno ocupa dentro e fora da escola. Recurso didático interdisciplinar, reconhecemos que essa primeira experiência pode ser ainda mais frutífera se trabalhada em estreito diálogo com outros professores, tanto em disciplinas do currículo comum e básico quanto nas eletivas, como foi o caso.

Para finalizar, seguem algumas imagens de meu arquivo pessoal, que exemplificam *fanzines* de minha criação.







Referências

ANDRADE, Sandro Silva de. SENNA, Nádía da Cruz. Fanzines na sala de aula: expressividade e autoralidade. In: *ENCONTRO DA ANPAP*, 24, 2015, Santa Maria. Compartilhamentos na arte: redes e conexões. Anais [...]. Santa Maria, 2015. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s5/sandro_silva_de_andrade_nadia_da_cruz_senna.pdf. Acesso: 25 ago. 2022.

CAMPOS, Fernanda Ricardo. *Fanzine*: da publicação independente à sala de aula. Pôster apresentado no *III Encontro Nacional sobre Hipertexto*. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009. Acesso: 25 ago. 2022.

É humilhante ser calado.

A linguagem deve evaporar, sair do corpo porta afora

A fala umedece o ser, enchendo as células de águas límpidas e embaciadas.

*Do contrário, a fala guardada mofa, fede e adoce as células, todas elas:
primeiro as luzidias, depois as sujas, nessa ordem.*

As células doentes esvaziam o ser sedento de saber.

O homem, então, de vísceras vazias tem fome de bate-papos.

*Porque os bate-papos não apenas têm letras e línguas,
mas alegria e bom humor, ingredientezinhas descuidados,
mas necessários para colorir a vida.*

Aline Gomes Souza-Zagucha

A LIBERDADE DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA NO CEPAE

Fernanda Calixto dos Reis¹
Yan Carlos Melo Camargo²

O nosso tema de pesquisa é “A Liberdade de Expressão Artística no CEPAE”. Acreditamos que a liberdade de se expressar traz benefícios a todas as pessoas em diversos fatores, além de ser um direito de todos. Por exemplo, tendo liberdade, alcançamos mais poder, ficamos mais leves, soltos, nossa mente se sente livre para criar maneiras de nos expressarmos sem nos prendermos e ficarmos limitados a algo. E, observando as salas de aula do CEPAE, vimos como os alunos têm liberdade para se expressar artisticamente com pinturas de desenhos fantásticos.

Figura 1 - Pintura Coletiva



Fonte: Arquivo pessoal Profa. Fabiana Fernandes.

¹ Discente da 2ª série do Ensino Médio no CEPAE/UFG. E-mail: feh.clx2005@gmail.com

² Discente da 2ª série do Ensino Médio no CEPAE/UFG. E-mail: yanoficial27@gmail.com

Figura 2 - Estudantes elaborando os murais.



Fonte: Arquivo pessoal Profa. Fabiana Fernandes.

Nos estudos, exercemos a escrita, a leitura e a fala cotidianamente, através de atividades nas diversas disciplinas. Por ser um local em que passamos boa parte do nosso dia e fazemos muitas atividades é comum nos sentirmos presos, ansiosos e preocupados com os grandes desafios e, com isso, a nossa liberdade deve ser exercida, para que venhamos a ter um melhor desempenho nessas atividades.

A liberdade de expressão é uma grande aliada para que haja um melhor desempenho em nossos estudos. Ela possibilita a autonomia! Para os alunos é de extrema importância nas atividades, trabalhos e estudos, pois traz independência, capacidade de agir por nós mesmos, manifestar nossos pensamentos, opiniões e ideias.

Fizemos este estudo para mergulharmos a fundo nesses desenhos feitos pelos alunos, através da pesquisa de campo com a professora de língua estrangeira, Fabiana Perpétua Fernandes, idealizadora do “Proyecto Nuestro Espacio Nos identifica”. Segundo nos narrou, o projeto teve início em 2018, através da turma de 3ºano, quando eles puderam se expressar através da pintura de desenhos na sala com um tema que eles decidiram. Nas palavras da professora:

O projeto foi realizado nas aulas de língua espanhola, dos terceiros anos do ensino médio, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. A proposta foi selecionar, de forma conjunta, subtemas relacionados à formação

da identidade dos povos latino-americanos, proporcionar espaço para discussão sobre os subtemas e elaborar murais nas paredes das salas de aula que representassem suas vivências no projeto. A realização da proposta foi importante por incentivar a autonomia dos estudantes durante a escolha dos subtemas de estudo e representação nos murais, por promover momentos de discussão e trabalho colaborativo, bem como fortalecer os laços afetivos entre os estudantes e a professora. A aprendizagem só é significativa quando todos os sujeitos participam das decisões, expressam suas opiniões, se sentem motivados e buscam um sentido para suas vivências no contexto escolar. (FERNANDES, 2021, p. 171)

A partir disso, todos os anos as turmas de 3º ano fazem pinturas nas salas ou em algum local da escola, e os temas são escolhidos por eles. O intuito desse projeto é criar um espaço para os alunos deixarem sua marca, através de desenhos que representem seus sentimentos, suas aprendizagens e suas vivências.

Para apresentar a conclusão de nossa pesquisa, nós fotografamos esses desenhos, editamos as imagens e realizamos um *fanzine* com imagens, pinturas e frases que representam o “Proyecto Nuestro Espacio Nos identifica”. Nosso *fanzine* tem o intuito de levar a beleza da arte de se expressar, de reiterar que não existe um padrão a ser seguido e de mostrar como o CEPAE nos dá essa liberdade para que possamos nos expressar de formas tão lindas, criando um espaço acolhedor e divertido para estudarmos.

De fato, a liberdade de expressão nos ajuda a chegar em experiências fantásticas, com os diferentes tipos de artes. Através da nossa imaginação, nós alcançamos diversos sentimentos; ela nos envolve, provoca emoções, nos capacita a termos reflexões distintas sobre o nosso lugar no mundo, melhora nossa reflexão e nosso desenvolvimento nos estudos. Portanto, com esta pesquisa bibliográfica e de campo, nós expusemos a importância da liberdade de expressão, e sua conclusão está apresentada a seguir, em forma de *fanzine*:

Figura 3 - Fanzine Liberdade



Referência

FERNANDES, Fabiana P. F. Pedagogia da Autonomia: um caminho para a aprendizagem significativa nas aulas de Língua Espanhola. In.: MESQUITA, D. *Escola de Educação Básica para Todos: volume VII* [livro eletrônico]. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2021, p. 171-184.

*Velas a ti, ó Alves! Bem como vales, ó douto Castro,
de poética crosta!*

*Porque depois, bem depois, já aqui, longe de ti,
já na amorfa modernidade póstuma de nascença.*

*Bem agora, que bem depois de ti
e daquela sua panorâmica do pleno mar...*

*Para lá do momento das lamentações
e das amarguras pronunciadas...*

*Hoje, que melhor poderíamos estar,
pois não faltou de ti didática poética.*

*Ainda nadamos no insosso e perverso
vilipêndio de berço esplêndido.*

E tu...

Só tu, ó Tonho, nos permite observar:

O podre dado aos pobres oprimidos ainda à vela a navegar.

Ó, Alves, que ainda hoje nos faz lembrar...

*Ainda hoje, bem depois, ora, pois, de tu,
já na enfadonha modernidade monótona de nascença.*

*Ainda nos deparamos com o trabalho escravagista,
que coisifica homem,*

que se sujeita a isso para fazer a fome passar.

*Fome essa oferecida em abundância pelos patrões traiçoeiros
que ainda mantêm bolsões negreiros sôfregos de apenas pelejar.*

Nós, ó Castro,

Ó Alves, rogamos a ti:

por velas;

por vales – mesmo refeição –

Ou velai por nós...

Ou rogai por voz...

Aline Gomes Souza-Zagucha

A RELAÇÃO ENTRE A ESCRavidÃO E O MERCADO MODERNO

Eduardo Reis de Lima Torres Filho¹

Erick Lonardoní Alvarenga²

João Gabriel Montalvão de Freitas³

Marina de Souza Silva Bitencourt⁴

Marya Eduarda dos Santos Silva⁵

Quando nos deparamos com a história do mundo inteiro, percebemos que a escravidão se fez presente de maneira assídua, em que, de forma cruel, se viram no direito de usar mão de obra forçada, e as motivações vinham de diversas formas, como a visão de uma raça superior, demonstração de poder sobre outros grupos étnicos ou apenas por se ter um lado mais forte que podia usar a mão de obra de outros lados. Algo que se enraizou ao núcleo da sociedade, causando impactos que duram até hoje, podemos também presenciar situações análogas à escravidão ainda num mundo que cheira à modernidade. Essa motivação não veio apenas pela cor de pele, como no caso da escravidão baseada no racismo, como ocorreu no Brasil por meio dos portugueses e dos escravos africanos, pois, também temos a escravidão romana, que usava a mão de obra de tribos conquistadas, brancas ou não, ou do norte dos Estados Unidos que usaram mão de obra dos negros enfraquecidos após a abolição da escravidão em troca de uma “vida justa”. Situações como essas trouxeram consequências diretas à economia.

¹ Discente da 2ª série do Ensino Médio no CEPAE/UFG. E-mail: reiseduardo@gmail.com

² Discente da 1ª série do Ensino Médio no CEPAE/UFG. E-mail: erick.alvarenga2005@gmail.com

³ Discente da 2ª série do Ensino Médio no CEPAE/UFG. E-mail: joao.gabriel.montalvao@gmail.com

⁴ Discente da 2ª série do Ensino Médio no CEPAE/UFG. E-mail: mie.curt@gmail.com

⁵ Discente da 2ª série do Ensino Médio no CEPAE/UFG. E-mail: maryaeduardadossantosilva2@gmail.com

Como qualquer cidadão, sabemos que discutir sobre a economia num aspecto mundial é importante, assim, ao nos depararmos com dados sobre como a escravidão possui uma ligação direta a ela, sendo nosso primeiro contato com essa informação através de uma matéria de Thais Carranço, da BBC News Brasil, em São Paulo (2021), decidimos diminuir nosso recorte as abordando e focando em sua relação.

Essa ideia é expressa através de desenhos, que foram expostos numa galeria digital, desenhos de autoria do grupo, criados de maneira arquitetada, tomando como base nosso tema. Claro, inspirações podem ser necessárias para desencadear uma mente criativa, como é o caso de alguns destes desenhos. Jean Baptiste Debret foi um nome importante na evolução do grupo num aspecto artístico, suas obras representam a escravidão em sua época. Assim, através de uma releitura destas mesmas obras, obtivemos algumas delas no contexto atual, e trazem consigo sátira e tons de ironia.

1. Escravos eram utilizados para o trabalho pesado nos engenhos

Figura 1 - Pequeno Portátil Açúcar Moinho, por Jean Baptiste Debret



2. A escravidão juntamente à tortura

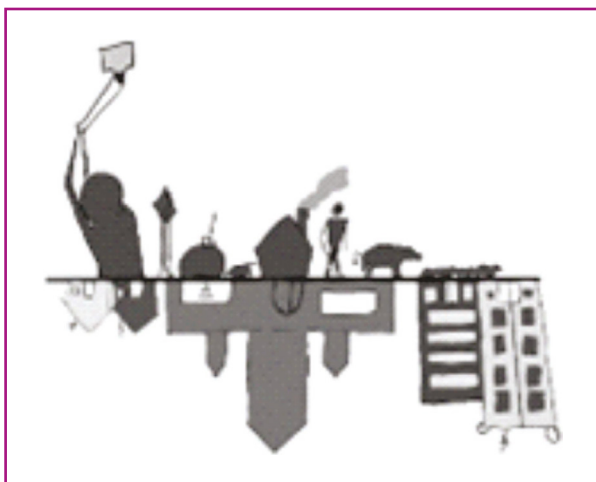
Figura 2 - Escravidão no Brasil, por Jean-Baptiste Debret



Os membros do grupo possuem habilidades distintas e, seguindo essa linha de raciocínio, pesquisamos e nos aprofundamos juntos, porém, na execução, buscando findar este projeto, projetamos a melhor forma de ser realizado, focando nas habilidades de nossos membros dividimos as atividades, sendo parte do grupo responsável pela parte criativa (desenhos) e os demais responsáveis pela parte teórica e a execução da galeria virtual. Assim, poderíamos melhor trabalhar em prol de um tema que é extremamente relevante, fazendo com que o objetivo inicial fosse concretizado. Um assunto importante pode ser pautado através de desenhos, sendo manifestado de maneira cômica, trazendo consigo uma sátira sobre tal relação.

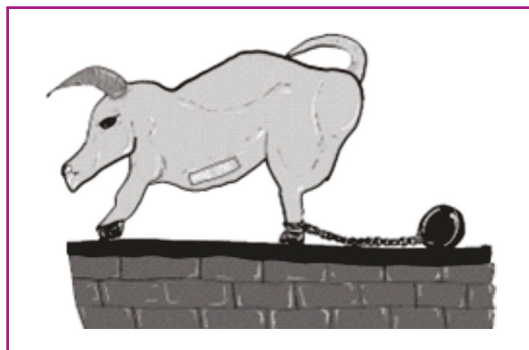
Até o momento, as pesquisas resultaram em representações gráficas que tratam da escravidão de vários ângulos, seja a escravidão clássica que vemos nas aulas de história, ou até da escravidão moderna em regiões isoladas, além de releituras numa perspectiva atual de obras clássicas relacionadas ao tema.

Figura 3 - "Dualidade", por Eduardo Reis de Lima Torres Filho



Esta é uma imagem baseada no contraste e na importância entre o trabalho braçal no campo e na cidade. Essa produção é uma espécie de palíndromo (tem sentido tanto de cabeça para cima quanto para baixo), porém, o sentido recomendado é que seja vista a cidade para cima e os trabalhadores para baixo, representando o trabalho como um alicerce, um apoio, ou a base dessa sociedade.

Figura 4 - "Sem Nome", por Eduardo Reis de Lima Torres Filho



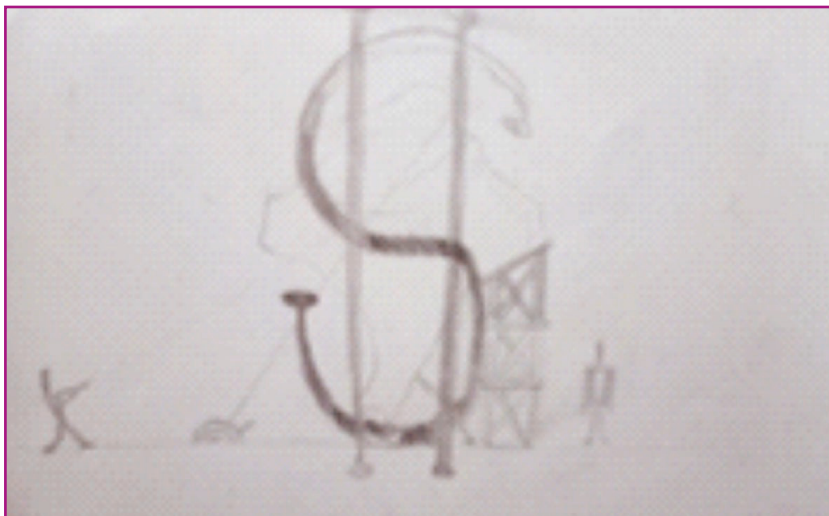
Trata-se de uma sátira ao Touro de Ouro de Wall Street. A bola de ferro foi adicionada pelo fato da localização da bolsa de Wall Street ser a mesma de onde se tinha um mercado de escravos. Além disso, também é por causa de algumas das grandes empresas americanas terem suas origens monetárias historicamente ligadas a causas escravistas.

Figura 5 - “Desconto”, por Eduardo Reis de Lima Torres Filho



Refere-se a uma releitura do símbolo da religião muçulmana (a lua crescente), com um preço e a placa de *Made in China*, por causa do trabalho análogo à escravidão de muçulmanos (uigures) na China.

Figura 6 - "Rascunho Descartado", por Eduardo Reis de Lima Torres Filho



Um rascunho descartado que também representa o apoio do trabalho ao mercado no Brasil, já que temos um cifrão \$ na frente e um Brasil sutil ao fundo.

Referência

CARRANÇA, B. Como a escravidão atrasou o processo de industrialização do Brasil. BBC News Brasil em São Paulo. In: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55670561>. Acesso: 10 jun. 2022.

*E seguimos assim:
distantes um do outro,
à mercê das improváveis coincidências, longe
das possíveis contingências, mas bem perto da simultaneidade.*

*Continuamos unidos:
pela sincronicidade,
pelo afeto,
pela solidão,
pela dor,
dor essa que nos faz andar no contrafluxo,
fora do palco,
no meio do caos,
por dentro do medo,
em segredo.*

Aline Gomes Souza-Zagucha

POR QUE O SER HUMANO SONHA?

Leticia Lima de Paula¹
Sabrina Rodrigues Couto²

O tema escolhido foram os sonhos, que durante muitos anos foram um mistério para a humanidade, porém, hoje há algumas pesquisas que visam falar a respeito, em especial, livros e descobertas feitas por Sigmund Freud, neurologista e psiquiatra austríaco. Freud foi o criador da psicanálise e a personalidade mais influente da história no campo da psicologia. De acordo com Cheniaux (2006), no livro “A Interpretação dos Sonhos”, escrito em 1900 por Freud, continham os estudos sobre sonhos feitos por ele a partir da visão da psicanálise e explicava que os sonhos são como ideias e vontades escondidas que se manifestam disfarçadamente.

“A Interpretação dos Sonhos”, de 1900, é considerada a primeira obra propriamente psicanalítica de Freud. Nesse trabalho, particularmente no capítulo VII, já se encontra uma teoria geral do aparelho psíquico, formulada a partir dos estudos de Freud sobre os sonhos, que são, segundo ele, a “via régia de acesso ao conhecimento do inconsciente na vida mental”. Para Freud, o sonho constitui “uma realização (disfarçada) de um desejo (reprimido)”. Possui um conteúdo manifesto, que é a experiência consciente durante o sono, e ainda um conteúdo latente, considerado inconsciente. (CHENIAUX, 2006, p. 2)

Já para a neurociência, que estuda as funções cerebrais que formam os sonhos, defende que os sonhos são baseados em acontecimentos vivenciados

¹ Discente da 1ª série do Ensino Médio no CEPAE/UFG. E-mail: leticialpaula28@gmail.com

² Discente da 1ª série do Ensino Médio no CEPAE/UFG. E-mail: sabrinarodriguesc83@gmail.com

no dia a dia, relacionados até mesmo com traumas já vividos. E para Cheniaux (2006, p. 6), "Acredita-se que, no sonho, as redes neurais se conectem com mais facilidade do que durante a vigília. Todavia, essas conexões não são feitas de forma aleatória: as emoções seriam os organizadores das redes neurais". Sendo assim, as redes neurais se conectam melhor quando estamos sonhando do que quando estamos dormindo. Porém, de acordo com Cheniaux (2006), muitos outros neurocientistas acreditam que os sonhos não possuem significado, como Hobson & McCarley, mas isso é desafiado com a determinação de que as emoções sentidas durante a vigília influenciam diretamente nos sonhos.

Ambas as visões sobre os sonhos são importantes, tanto a psicanalítica quanto a neurocientífica podem ser usadas para interpretar os sonhos, são explicações que, se, de certa forma, se completam, e, de acordo com a conclusão de Machado & Carmona (2018, p. 3), "os sonhos são uma manifestação do nosso inconsciente, é como se a noite ele atuasse, mostrando em forma de sonhos medos, sentimentos, memórias ou coisas que vimos ao longo de dia" que junto à visão da psicanálise formam uma explicação deveras interessante quando alguém se questiona sobre "por que sonhamos?".

Este tema foi escolhido além do interesse pessoal das autoras, mas como também um tema que possui várias formas de ser representado de forma artística. Além disso, a falta de importância que as pessoas dão para os sonhos é ruim, pois Luc Vandenberghe (2017) defende que os sonhos podem ser usados no autoconhecimento e contribuir consideravelmente na terapia. Em "A interpretação dos sonhos revisitada", por Luc Vandenberghe (2017), ele defende que a interpretação dos sonhos pode ser usada na terapia de três jeitos possíveis, sendo eles: revelar aspectos esquecidos pelo paciente, usar o relato e analisar as ações do paciente no sonho e ao contá-lo para identificar contingência, e por último, ao analisar os sonhos junto ao paciente pode-se ajudar na sessão.

Argumentamos que a análise dos sonhos pode contribuir de três formas para a terapia. Primeiro, pode trazer à luz problemas ou necessidades do cliente que escaparam à atenção, sendo possível, pelo esclarecimento destes, definir melhor as metas para o tratamento. Segundo, comparar o conteúdo dos sonhos ou o comportamento de relatá-los com outras informações sobre o cliente pode ajudar a identificar contingências relevantes que devem ser incluídas na formulação do caso. Em terceiro lugar, o trabalho com os sonhos

pode fornecer material para ser trabalhado ao vivo na sessão, a saber, as dificuldades evocadas pelo material do sonho, bem como as dificuldades evocados pela interação com o terapeuta ao analisar os sonhos. (VANDENBERGHE, 2017, p. 1)

Ainda contribuindo para a terapia, para Vandenberghe (2017), pode-se analisar o comportamento do paciente tanto em vigília quanto nos sonhos, para encontrar meios de assimilar ambos e identificar partes na qual o paciente evita falar sobre, e assim auxiliar o paciente a superar traumas e ou medos do dia a dia. De acordo com Vandenberghe (2017), por ser algo irreal, os sonhos são uma forma menos arriscada para o paciente de contar sobre si, usando assim os sonhos como uma forma de esquiva na sessão.

Um exemplo de uma forma de esquiva pertencendo à primeira categoria pode ser visto quando o relato do sonho traduz assuntos que o cliente não enfrenta diretamente, apresentando-os metaforicamente, amortecendo, assim, seu impacto aversivo (Delitti & Meyer, 1995; Bachtold, 1999). Neste caso, o relato do sonho permite contrabandear informações relacionadas às necessidades e aos problemas que o cliente não pode trazer de forma aberta. (VANDENBERGHE, 2017, p. 4)

Ou seja, mesmo com o paciente evitando falar sobre certos assuntos, quando os sonhos são relatados ainda sim é possível adquirir as informações necessárias para avançar no tratamento. E pedindo que o paciente interprete os próprios sonhos pode fazer com que ele consiga assimilar seus atos nos sonhos e na vida real, e passe a se autoconhecer. Essa utilidade dos sonhos defendida por Luc Vandenberghe também justifica a escolha desse tema.

A arte escolhida para esse trabalho foi um desenho que mistura diferentes técnicas e materiais, representando apenas a visão da psicanálise pois foi uma explicação vinda de uma pessoa importante, que foi Sigmund Freud. O desenho busca demonstrar os sonhos como um desejo, assim como é defendido por Freud, utilizando materiais como: papel A3, tinta guache escolar, tinta óleo, caneta marca texto, lápis de escrever, lápis de cor, caneta preta, caneta para CD e outros, e técnicas de pintura com ajuda da psicologia das cores, que analisa os efeitos que determinadas cores podem causar nas pessoas, envolvendo vários aspectos e influências.

Aspectos da arte

VERMELHO ESTABILIDADE TRANQUILIDADE LIBERDADE PAZ	LARANJA COR ENERGICA DESEJO DO BEM-ESTAR COM CONFIANÇA NO FUTURO E CONFIANÇA	AMARELO TRANQUILIDADE COM FELICIDADE E CONFIANÇA NO FUTURO COMUNICAÇÃO E CARIÓTIPO ALTO	VERDE DESEJO DE BEM-ESTAR SAÚDE PROTEÇÃO DESEMPREGO CARIÓTIPO MÉDIO-BAIXO	AZUL TRANQUILIDADE CALMA CURA INDEFINIÇÃO DESEMPREGO E VARIAS
Psicologia das Cores U N A				
ROXO TRANQUILIDADE SACERDOTE NOBILIDADE SABER COMUNICAÇÃO E TRANQUILIDADE	MARRON SIMPATIA SOLIDARIDADE COMFORTO LIGADO AO AR TERRA E TUDO E NATURAIS	ROSA TRANQUILIDADE INCOMUNICADO PROTEÇÃO LÍQUIDA LÍQUIDA FORMALIDADE	BRANCO TRANQUILIDADE TRANQUILIDADE LIMPEZA E ORGANIZAÇÃO	PRETO SIMPATIA COMUNICAÇÃO SOLIDARIDADE E PROTEÇÃO

Psicologia das cores

Como as cores afetam as emoções e a razão

DESOTERIANDO Segundo "Eva Heller"

<p>Verde</p> <p>em tons de verde Felicidade, esperança, natural, sustentável, fresco, limpo, tranquilidade, cura, vida, equilíbrio, calma.</p>	<p>Azul</p> <p>tons de Azul Serenidade, tranquilidade, calma, equilíbrio, sabedoria, inteligência, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio.</p>	<p>Roxo</p> <p>em tons de violeta Tranquilidade, espiritualidade, fantasia, calma, paz, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio.</p>	<p>Amarelo</p> <p>em tons de amarelo Bem-estar, equilíbrio, sustentável, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio.</p>
<p>Laranja</p> <p>Existem os tons de Laranja Alegria, entusiasmo, sustentabilidade, jovialidade, energia, calor...</p>	<p>Vermelho</p> <p>Existem os tons de Vermelho Fogo, paixão, força, energia, passividade, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio.</p>	<p>Cinza</p> <p>Existem os tons de Cinza Inconsciência, passividade, paz, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio.</p>	<p>Preto</p> <p>Existem os tons de Preto Paz, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio.</p>
<p>Branco</p> <p>Inconsciência, paz, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio.</p>	<p>Rosa</p> <p>Existem os tons de Rosa Equilíbrio, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio.</p>	<p>Ouro</p> <p>Existem os tons de Ouro Equilíbrio, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio.</p>	<p>Marron</p> <p>Existem os tons de Marron Propriedade, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio, sabedoria, equilíbrio.</p>

www.esoteriando.com.br

Fonte: <https://pin.it/3VDCLaH>.

O resultado da pesquisa e da parte artística foram bons, concluindo que os sonhos têm sua importância e que os sonhos são uma mistura de várias interpretações, de desejos, de coisas presenciadas, de emoções, entre outras explicações que podem ser consideradas. E no desenho, apesar de não resultar em uma arte excepcional e completamente perfeita, foi feita com esforço e representa não só o que foi pesquisado, mas, sim, a visão das autoras sobre o tema que é “sonhos”.



Referências

CHENIAUX, Elie. Os sonhos: integrando as visões psicanalítica e neurocientífica. *Revista Psiquiatria, RS*, v. 1, agosto, 2006.

MACHADO; CARMONA, S. C.; E. K. Sonho: um fenômeno intrigante, v. 31, n. 1 (2018): *Diversidade e Escola no Espaço Metropolitano*, v. 31, n. 1 (2018).

VANDENBERGHE, L. A interpretação dos sonhos revisitada. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 70–77, 2017. Disponível em: <https://revistaperspectivas.emnuvens.com.br/perspectivas/article/view/131>. Acesso: 16 jul. 2022.

*Já não mais me espanto
Não
Não mais
Não tanto
Perdi alguns doze avos do encanto
Foi
Foi naquele último encontro
Foi um baita desencanto
Foi
Foi por não ter nervos de aço
Foi
Foi por pouca força
Pouca sim
Mas não escassa
É que me dei conta de que
quanto maior o encanto
mais alto é o pranto
Foi
Foi aquele desencanto
Foi
Foi por falta de estima
Mas nada me desanima
Nem mesmo a pantomima
Para o desencantamento
e as feias amarguras
atuais ou futuras
nada como a ternura*

Aline Gomes Souza-Zagucha

TIMIDEZ: UMA DOR SILENCIOSA

Anne Paulino Maciel¹
Manuella dos Santos Magalhães²

O tema escolhido para nosso projeto foi “timidez”, e tomamos como principal objetivo tentar mostrar um pouco de como essa condição pode afetar negativamente e de diversas formas a vida do indivíduo que a tem. Construímos o trabalho com o intuito de sensibilizar e conscientizar o máximo de pessoas quanto à condição da timidez.

A timidez pode ser definida como um estado em que a pessoa se sente envergonhada ao se expor numa determinada situação, influenciando fortemente no modo como o indivíduo vai agir, pensar e se sentir em relação a outras pessoas, causando emoção de desconforto, nervosismo, insegurança e vergonha. A timidez trabalha a partir do medo de situações sociais cultivadas pelo sujeito, principalmente com o medo de julgamento, por conta disso, os tímidos tendem a evitar quaisquer tipos de situações sociais em que a interação deles seja requerida.

No decorrer de nossas vidas, passamos por constantes mudanças, desde o momento do nosso nascimento até seu fim. São incontáveis as variáveis que vivenciamos e que nos influenciam a cada momento, transformações atrás de transformações, vivemos em fases. Nessa perspectiva, também é natural que durante a adolescência tudo pareça ter um maior peso, e a timidez costuma ser muito mais intensa nesse período, mas não significa que seja algo exclusivo da

¹ Discente da 1ª série do Ensino Médio no CEPAE/UFG. E-mail: annepaulinomaciel8@gmail.com

² Discente da 1ª série do Ensino Médio no CEPAE/UFG. E-mail: manuella09z.e@gmail.com

adolescência. Desde a infância até a vida adulta, a idade ou maturidade não é um determinante sobre ser ou não tímido, esse estado vai além, e possui vítimas em todas faixas etárias.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/NpX7JzCD3GM7Cvjv5>.

Algo que podemos destacar nas pessoas tímidas é a maneira como elas lidam com a condição, elas tendem a não se impor, costumam não protestarem sobre seu desconforto, e optam por se isolar ao invés de confrontar suas dificuldades. A timidez é famosa por agir em silêncio, e prejudica tanto o psicológico da pessoa quanto suas próprias conquistas e metas.

Nestes casos, existe a presença de uma contradição, e se caracteriza pelo fato de que ao mesmo tempo que o indivíduo prefere passar despercebido para não ser notado e evitar situações em que acredita existir chance de ser julgado, ele ainda anseia por ser reconhecido por outros, e se sente constantemente excluído. Esse sentimento é uma das principais fontes de angústias que a timidez pode causar no sujeito.



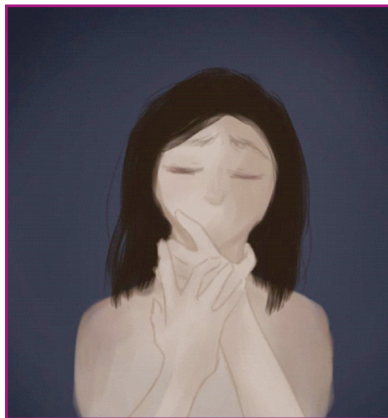
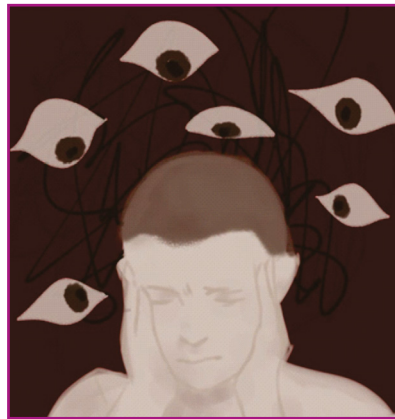
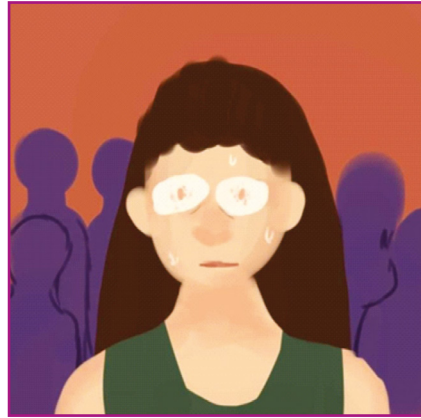
Fonte: <https://images.app.goo.gl/eDMGDucPU5q74mcXA>.

Além de tantas dificuldades que a timidez traz para a vida da pessoa tímida, em um certo grau mais elevado, a timidez vai além de apenas um sentimento, ela pode se transformar em fobia social.

Não é incomum o surgimento de doenças influenciadas pela timidez, como ansiedade, depressão e fobia social. Desse modo, por mais que ao tocar nesse assunto muitas pessoas possam pensar que não é nada demais, a timidez é algo discreto, e em vários casos apenas a vítima sabe quão doloroso pode ser, por isso que ao trabalharmos com o tema na esperança de alertar a todos sobre essa condição é tão importante.

Para construirmos nosso projeto, optamos por criar obras digitais para expressarmos nosso tema, construindo uma galeria com desenhos autorais nossos na tentativa de retratar um pouco das vivências das pessoas tímidas. Nosso intuito era mostrar os efeitos da timidez nas pessoas, como o modo de agir, alguns tiques e até mesmo o modo como isso afeta a socialização da pessoa.

Para a elaboração, desenvolvimento e conclusão do trabalho, utilizamos resultados de pesquisas bibliográficas e de dados coletados referentes ao tema, e utilizamos um aplicativo para a realização das artes, editando-as e as colocando em um mural para a apresentação da atividade.



Referências

<http://193.137.9.148/bitstream/1822.1/173/22/Ansiedade+Social+da+timidez+%C3%A0+fobia+social.pdf>

<https://escolasaudavelmente.pt/alunos/adolescentes/problemas-e-emocoes/timidez#:~:text=A%20timidez%20%C3%A9%20uma%20emo%C3%A7%C3%A3o,mesmo%20tremer%20em%20situa%C3%A7%C3%B5es%20sociais>

<https://www.academia.edu/download/48611143/timidez.pdf>

https://www.academia.edu/download/56790800/QUANDO_A_TIMIDEZ_SE_TORNA_UM_PROBLEMA.pdf

<https://www.periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1589>

*Tudo tem seu grau de utilidade,
graveza e questão de vida ou morte.
Qualquer coisa besta, dita, tem lá
seu valor no crivo da banalidade.
O dito besta feito cifra, sozinho,
tem lá sua plateia atônita de pasmo.
Ter que ouvir pouquidões em um
aviso mal dado pode estar bem
a propósito, mesmo sendo chinfrim.
Não há apenas coisas boas ou não.
Há graus disso ou daquilo.*

Aline Gomes Souza-Zagucha

YONLU: UMA TRÁGICA HISTÓRIA DE INVISIBILIDADE

Vitória Alice Trindade Avelar¹

Vinicius Gagueiro Marques, conhecido via internet pelo nome artístico Yonlu, cometeu suicídio aos 16 anos de idade, sendo marcado como um dos primeiros casos de suicídio acompanhado, via internet, no Brasil. Junto a sua morte deixou um legado de cerca de 60 canções, desenhos e fotografias que revelaram uma intrigante produção artística, todas produzidas, compostas e gravadas inteiramente por ele em seu quarto. As faixas trazem letras reflexivas e melodias melancólicas, marcadas por uma alta percepção de sentimentos. Em 2007, a gravadora goiana Allegro Discos reuniu 23 músicas do artista no álbum “Yoñlu”. No ano seguinte, o selo Luaka Bop, criado por David Byrne, selecionou 14 canções em um disco de caráter conceitual, *“A society in which no tear is shed is inconceivably mediocre”*.

Yonlu encontrou seu refúgio para seus transtornos mentais em fazer amizades nos fóruns online onde poderia falar sobre filmes, mulheres, frustrações e compartilhar suas músicas. No geral, Yonlu costumava frequentar fóruns onde conversava com artistas por todo o mundo e compartilhava suas músicas, o mesmo era muito elogiado. Infelizmente com sua possível decaída de depressão começou também a frequentar sites de suicídio, o que foi a causa indireta de sua morte, já que as pessoas desses supostos fóruns o ajudaram a escolher sua própria morte e também o ajudaram a preparar a execução.

Podemos perceber uma alta relação de Yonlu com a música, tanto que, em 23 de junho, Yonlu comentou que adiaria sua morte porque muita gente estava elogiando suas músicas. A faixa 10 do CD, “Deskjet Remix”, em parceria com

¹ Discente da 1ª série do Ensino Médio no CEPAE/UFG. E-mail: vitorinha.ata@gmail.com

um DJ escocês, estava tocando em festas eletrônicas de Londres, o fato de saber que havia pessoas o escutando dava a Yonlu motivações para viver. Acreditava-se que Yonlu possuía alguma patologia mental alucinógena, suspeita-se de “esquizofrenia indiferenciada”, pois, de acordo com relatos de sua mãe, o menino muitas vezes tinha surtos por acreditar que estava se desintegrando, ou que seu rosto estava se deformando e precisava constantemente de um espelho para checar se ele realmente não havia desaparecido, ele levava um CD para a escola para se enxergar no reflexo e passar por esse surto de uma forma mais discreta.

Yonlu realizou a morte de maneira extremamente calculada. Disse a seus pais que queria fazer um churrasco para os amigos, que estava interessado em uma garota, que preferia não ter os pais por perto. Dias antes, pediu ingresso para um show que aconteceria depois de sua morte, iniciou um tratamento de pele, foi ao supermercado comprar a carne. Simulou um futuro em que não pretendia estar. Durante a execução do plano, ele anunciou no blog que mantinha na internet: “Estou fazendo esse método CO (*suicídio por inalação de monóxido de carbono*) neste momento e tenho duas grelhas queimando no banheiro. Aqui está a foto. Alguém pode me dizer se há carvão suficiente e quando eu posso entrar no banheiro e me deitar? Por favor, por favor, me ajudem! Eu não tenho muito tempo”.

Yonlu contou com a colaboração de muitas pessoas, que o estimularam e o ajudaram a concluir seu suicídio. Um bombeiro aposentado de Chicago, segundo o inquérito policial, orientou Yoñlu a retirar as roupas, encharcar algum pano e se enrolar nele para suportar o calor até o momento de desmaiar. O último post de Yoñlu foi às 15h02. Muito tempo depois, alguém escreveu: “Acho que funcionou, já que ele não entrou mais em contato”. No fórum, havia uma web amiga canadense que, após ver sua publicação, rapidamente, entrou em contato com a Polícia Federal de Porto Alegre, solicitando o envio de militares no local, alguns minutos depois encontraram o menino na banheira já morto. No local, foi encontrada uma carta para seus pais, que dizia: “O método que escolhi foi intoxicação por monóxido de carbono, é indolor e preserva o corpo intacto, mas demora, e se a pessoa é resgatada antes de morrer fica com graves lesões cerebrais e torna-se um vegetal”. Havia também um CD, em cima de seu computador. No banheiro, um cartaz: “Não entre. Concentrações letais de monóxido de carbono”.

“Mecânica Celeste Aplicada” é conhecida como uma das músicas mais famosas de Yonlu, composta para sua amiga Luana e gravada inteiramente por ele no seu próprio quarto, a música expõe um narrador onisciente, mostrando a história de um “sol” que é o protagonista da história na música. O título da canção faz referência à parte da Astronomia que estuda o movimento dos astros, e pode ser considerada uma metonímia se interpretarmos como uma parte pelo todo do que a música retrará nos próximos trechos.

A música começa com:

“O sol vê tudo
Mas não conhece o amor
De uma garota
Que tem o dom de deslocar assim
A lua de Netuno no ar”

Por Vitória Alice Trindade Avelar



O trecho traz um conceito da mecânica celeste nas entrelinhas: “que tem o dom de deslocar assim a lua de netuno no ar”; “deslocar” é referente às forças resultantes da atração gravitacional entre corpos, logo em seguida menciona a lua de netuno, um satélite minúsculo que foi ofuscado pelo brilho das estrelas localizado na órbita do pequeno e gelado netuno. Acredito que, nessa parte, o autor se refere a ele mesmo como Lua de Netuno, talvez uma metonímia para a invisibilidade que ele sente, e ele acredita que essa menina é capaz de cativá-lo.

Nos próximos trechos, vemos:

“E quando a noite vem
E traz consigo a dor
O sol se apaga
E só um sonho a faz lembrar que
A noite sempre vai ter fim
A noite eu particularmente
Interpreto como
um episódio depressivo.
E eu aposto que ele nem sabe
Onde fica Erechim
E não sabe o que é
Sofrer de amor”

Erechim é um município do Rio Grande do Sul que fica a 369 km de Porto Alegre, cidade onde o Vinícius morava, provavelmente tem alguma relação com Luana, garota para quem Vinicius compôs a música.

“Mas se é assim
Ele está condenado a vagar
Por lugares sem luar
Sem luar”

Vagar sem luar porque anteriormente o narrador menciona que, quando a noite vem, ela traz também a dor; se a noite vem, a lua chega e o sol vai embora, por isso vagar sem luar.

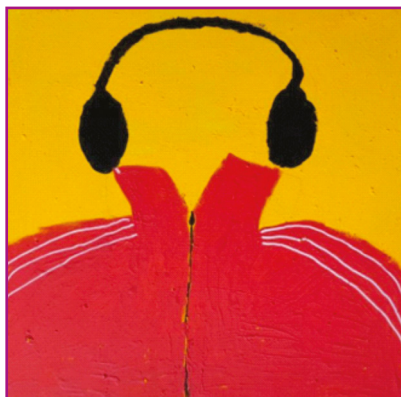
“Se essa ansiedade
Te faz querer voltar
E se é saudade
O que te leva para lá

É só sonhar que está em seu lugar
A pior coisa
Que Platão já inventou
Foi o amor
Que só traz solidão
Mas ela vai reencontrar
O chimarrão e a amizade
Num solstício de verão
De verão
De verão”

Ele faz uma referência ao amor platônico, amor “inventado” por Platão, não recíproco, e menciona um solstício de verão, que pode ser definido como fenômeno que ocorre quando o Sol assume sua máxima declinação relativa à Terra e incide perpendicularmente sobre o Trópico de Capricórnio (hemisfério sul) ou o Trópico de Câncer (hemisfério norte).

Além de ter incríveis composições, Yonlu toca muito bem também, tem vários *covers* postados, como “A regra 3”, de Toquinho e “Estrella, Estrella”, de Vitor Ramiel. Acredito que Yonlu seja um artista que merece mais reconhecimento e todos deveriam ouvir uma música sua pelo menos uma vez; as letras são repletas de sentimentos e a maioria delas são identificáveis e sentimentais; a música de Yonlu pode ser um antídoto para a positividade tóxica, e ajudar muitos em momentos difíceis. Yonlu é arte. Yonlu é cultura.

Por Vitória Alice Trindade Avelar



Referências

BESSA, Marina. Cartas a Vinícius, *Capricho*. São Paulo, p. 82-85, ed. 1039, 2 mar. 2008.

REVISTA ÉPOCA. Edição nº 508. 11/02/2008.

YOÑLU. Mecânica Celeste Aplicada (Luana). In: <https://youtu.be/BqBKv-HonLs>.

*É com gotas salgadas
e com muita ironia
que a cada dia nego mais e mais essa tal misoginia
É aos prantos
e com alegria
que vejo nós mulheres já quase no meio do túnel da machista ferrovia
É desgastada de pedir por trilhas iguais no dia a dia
que reclamo contra
mulheres e homens em assimetria
É horrorizada com a cega sensibilidade de nos dar a conta-gotas essa feia
barbaria
que leio Rosa como homilia
É por ter diante de meus olhos muitas flores arrancadas com covardia
que luto contra essa bruta selvageria.*

Aline Gomes Souza-Zagucha

MERCÊ: UM RESGATE DA MEMÓRIA ANCESTRAL FEMININA

Nicolle Maria Oliveira de Moraes¹



Link para assistir ao documentário: [MERCÊ](#)

"Te trago com saudade, teus encantos, Mercedita"
Belmonte e Amarai - Mercedita

Mercê é um curta-metragem documental, contemplado pela Lei Emergencial de Incentivo à Cultura Aldir Blanc, que busca explorar como a sanfona atra-

¹ Docente do Curso de Letras (FL/UFG). Bolsista PROLICEN (CNPq) e estagiária no CEPAE/UFG (UFG). E-mail: nicollemaria@discente.ufg.br

vessa a vivência de cinco mulheres. Daniela Nunes é a idealizadora do projeto e a sua concepção parte de um fato curioso.

Durante as gravações do videoclipe “Valsa da Modéstia”, Daniela tocava sanfona no Coreto, em frente à avenida Goiás, em Goiânia, quando foi surpreendida por olhares atentos de pessoas que passavam pelo local. A vida parou nos movimentos do fole do acordeom simplesmente para contemplá-lo. Senhoras que caminhavam, agora contemplam memórias despertadas pela sonoridade e habilidade musical de uma jovem sanfoneira. *Mercê*, então, nasce da contemplação do agora. De uma breve pausa no cotidiano, pois algo, internamente, foi despertado. Mas como um instrumento é capaz de despertar e fazer sorrir memórias antigas? Assim nasceu *Mercê*, da busca por um resgate ancestral feminino, tendo como agente catalisador, a sanfona. *Mercê* é um projeto de mulheres para o mundo.

O processo criativo de construção do filme contou com várias noites de conversas, boas risadas e mapas mentais entre a equipe. Dentre os vários escritos, gravamos nossos diálogos, dentre os quais alguns irão aparecer no corpo deste ensaio, juntamente aos da UFG, mas escritos por Nicolle Maria.



1. O esqueleto do documentário

O processo inicial para elaboração do roteiro teve início com a formação de uma equipe audiovisual constituída por mulheres – Mariana Amorim na direção, Julyelly Roberta como diretora de fotografia, Nicolle Moraes como entrevistadora, Gabriela Charleaux como responsável técnica pelo som, e a idealizadora do projeto, Daniela Nunes.

A ideia de gravar um curta-metragem documental teve como escolha uma abordagem poética, no sentido de extrapolar a concepção de um fluxo narrativo “seco”, através de um diálogo entre linguagens visuais, musicais e simbólicas. Além disso, buscamos documentar o que descobrimos, aguçando nossa escuta para cada vivência que adentramos, transpondo para uma perspectiva capaz de emocionar e deslumbrar o espectador. A nossa busca foi movida por um eterno desejo de conhecer e aprender com tantas histórias e vivências de mulheres acordeonistas e suas trajetórias.

Desse modo, no decorrer do filme, há passagens de poemas escritos com base nas entrevistas e conversas, a fim de haver uma comunicação entre os diferentes tipos de textos – verbal e não verbal – que compõem *Mercê*.

A escolha por entrevistar mulheres tem relação com a identificação de expandir os olhares para além de um instrumento que foi brutalmente masculinizado, além de estarmos falando do lugar de fala e vivência da idealizadora, sendo uma mulher sanfoneira.

Mercê é um curta-metragem de cunho mais intimista e com traços autobiográficos da vida de Daniela. Algumas entrevistas foram gravadas em Trindade, além de espaços como a estrada em que a acordeonista inicia seu trajeto, nos minutos iniciais do filme.

Trindade possui um significado importante no enredo do curta, por ser o espaço em que a história da “menina Daniela” se inicia. Na primeira cena, a câmera percorre o fole da sanfona, até chegar nos dedos que estão localizados nos baixos do instrumento. A cena seguinte mostra uma estrada, o caminho que estamos percorrendo para irmos de encontro às origens, com o intuito de retornarmos ao passado de Daniela, para, enfim, darmos alma ao filme. Ambas as cenas possuem um valor simbólico que representa o trajeto não só feito por Daniela, em sua trajetória musical, mas também o trajeto fei-

to por nós, enquanto equipe, nas inúmeras vezes que viajamos para Trindade, com o intuito de conhecer espaços de importantes memórias afetivas e nossas acordeonistas.

Do encontro com Rakel, Divina, Thaís, Alessandra e Kathia, *Mercê* foi ganhando corpo e criando raízes que a equipe nem esperava. Experienciar a emoção do outro e exercer a escuta enquanto nossa ferramenta principal, nos levou ao passado atravessado pela sanfona e os seus significados, na história de vida de cada uma dessas mulheres. São fluxos de consciência que ora obedecem a uma ordem cronológica, ora desatinam do tempo.

A entrevista com a dona Rakel, por exemplo, nos rendeu duas horas para recolhemos as informações mais importantes do documentário, durante as inúmeras semanas de edição. Foram inúmeros cortes e inúmeras versões de *Mercê*, até chegarmos num resultado satisfatório. Enfim, conseguimos descobrir o que almejamos. Para você, leitor, fica o convite para assistir *Mercê* e compreender o que este texto é insuficiente para explicar.

As fotografias abaixo são algumas das cenas iniciais do documentário.





2. Mulheres sanfoneiras

Daniela



Daniela Nunes, mais conhecida como Dani Frisson, é uma artista goiana, nascida em Trindade e apaixonada por música. Aprendeu a tocar sanfona praticamente sozinha. Anterior a isso, um sanfoneiro, amigo da família, senhor Camilo, a ensinou a dar os primeiros passos. Da forma como se encaixa a sanfona no corpo, aos nomes das partes que compõem o instrumento, aos 11 anos de idade, entre idas e vindas, Daniela cativa uma relação especial com o acordeom. Cursou Música no Instituto Federal de Goiás - IFG - e atualmente cursa Educação Musical, na Faculdade de Música e Artes Cênicas, na UFG.

A musicista é idealizadora de dois projetos na área musical, ambos contemplados pela Lei Emergencial de Incentivo à Cultura Aldir Blanc. *Valsa da Modéstia* e *Mercê* carregam consigo o desejo de explorar os atravessamentos do acordeom, para além de um instrumento majoritariamente tocado por homens, perspectiva em que Daniela, como uma sanfoneira, busca trazer maior visibilidade e desconstruir o estereótipo masculino e brutalizado que o acordeom ainda leva consigo.

Fragmento retirado de uma entrevista com Daniela:

De onde vem essa relação única entre corpo-instrumento?

A valsa da modéstia é uma reafirmação, trazendo mais questionamento e vontade de conhecer um passado que tanto cativa. A minha avó tem um papel muito importante nisso. A sanfona como um signo visual que desperta uma memória afetiva, paterna, cuja sensação de encontro com um passado afetivo, é manifestada no desejo de incentivo direcionado aos seus descendentes, no caso, Dani, a sua neta. Cantarolar uma lembrança antiga, no agora. O encanto pela sanfona nasce desse incentivo e de “cantarolar memórias antigas” e assim, ser tocado pela sanfona e se deixar tocar que invoca história, volta no tempo e estaciona em uma nostalgia doce. Existe um porquê de sentir? Por que você sente isso?



O que me traz até aqui?

Meus passos, meus traços, meus atravessamentos... quem eu sou.
Busco minhas raízes, procuro incessantemente por quem me diz,
quando, onde e por quê.

O que me traz até aqui,

quando minhas mãos deslizam pelo teclado,
pelos botões,
pelo corpo que se encaixa ao meu e que tanto me faz suspirar?

O amor se traduz em notas, melodias, harmonias;
transmuta e encanta a alma de quem sente.

Meu lar, minha casa, minha segurança.

Um lugar comum, onde nasce o meu questionamento sobre esse encanto.
Sobre parar o cotidiano, no meio da rua e sentir que uma memória foi desbloqueada.
Olhos cautelosamente se fecham e nas bocas, nascem sorrisos tímidos.
E o vai e vem, caminha de encontro entre corpo e instrumento,
no tempo subjetivo de cada uma.

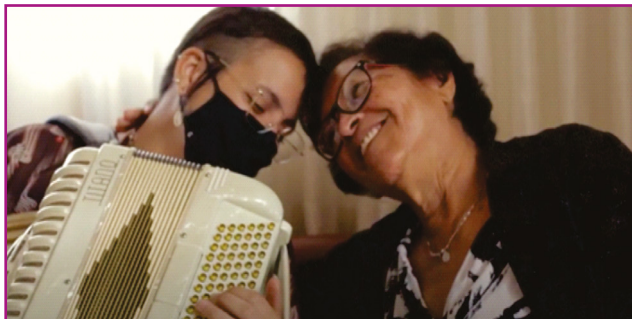
Divina



Dona Divina, senhora de voz calma e serena, tem a vida religiosa como alicerce e a música como guia e um meio de encontro com a vida. Devota assídua, participa da Romaria do Divino Pai Eterno, em Trindade-Goiás, cantando em missas e em eventos religiosos.

Seu pai, sanfoneiro e folião, tornou-se uma grande referência e saudade dos tempos de menina, em que, ao anoitecer, momento afetuoso, envolvido por amor e música, na companhia de uma pequena sanfona, tocava para os filhos. “A gente era feliz e não sabia”, relembra Dona Divina com lágrimas nos olhos.

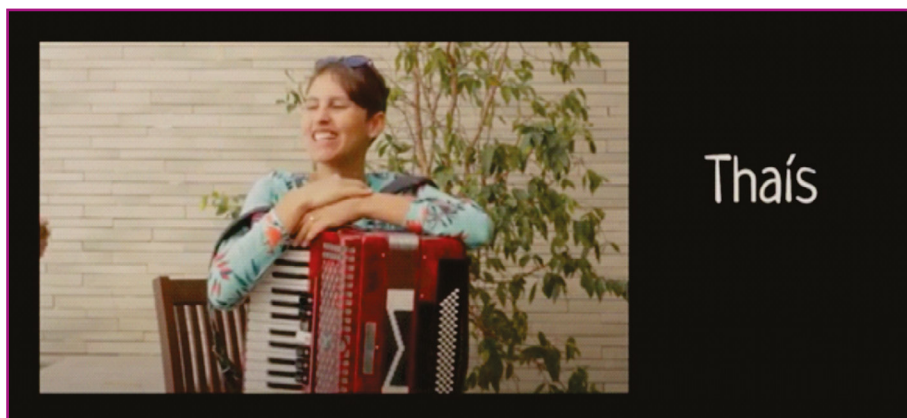
De avó para neta, meu cafezal em flor, quanta flor, meu cafezal...



Dona Divina é avó de Daniela. Durante as gravações da entrevista de Dona Divina, o encontro entre as várias memórias resgatadas por ela foram bastante importantes para o caminho que gostaríamos de construir. Foi muito perceptível o resgate da ancestralidade da Daniela, tendo em vista a revelação de um bisavô sanfoneiro e folião. A música se encontra nitidamente nas origens da jovem sanfoneira.

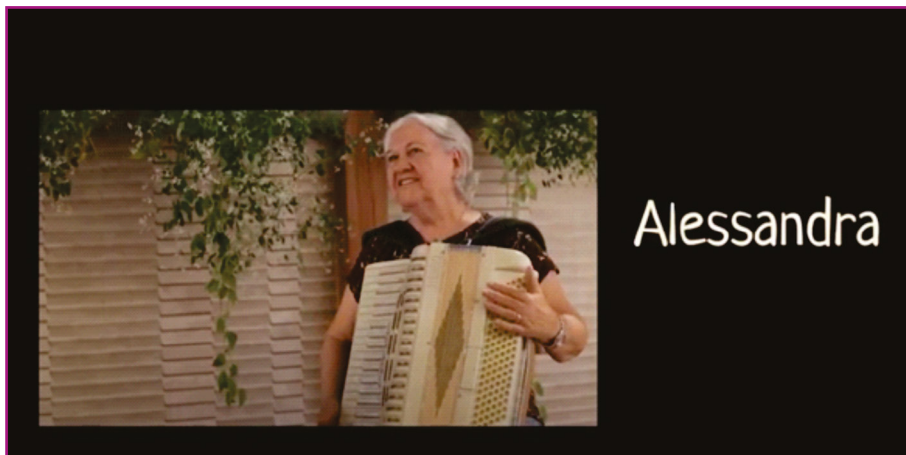
Entre sorrisos e olhares afetuosos trocados por avó e neta, o fole da sanfona acompanhava a voz de ambas, num ritmo nostálgico, quase mágico, numa manhã de sábado.

Thaís



Durante algumas crises, Thaís encontrou conforto e calma no fole da sanfona. Seu sorriso e sua presença simpática se revelam toda vez que a jovem moça encaixa o instrumento em seu corpo. Durante a entrevista, Thaís nos conta seu processo de aprendizagem e suas influências musicais que vem da família; relembra de seu tio, tocando violão e de outras passagens marcantes, relacionadas à música e seus atravessamentos. O relato de Thaís nos revela que o mais belo observado durante as várias vivências que nós adentramos, foi perceber como a força de um instrumento musical é capaz de reviver nossos encantos pela vida, trazendo alegria, perseverança e superação.

Alessandra



Influenciada pelo pai, dona Alessandra começou seus estudos com o acordeom, ainda menina. Fazia aulas no Lyceu atrás da Matriz de Campinas e se apresentou em vários lugares, juntamente a outras crianças acordeonistas. Tocava no bar do pai, mesmo quando a energia acabava, mesmo a contragosto do pai, e até na inauguração da estação de televisão em Goiânia.

O tempo foi passando, Alessandra casou-se, teve filhos e abdicou da sanfona. A influência da música atravessou gerações, influenciando seu filho Marcelo a se tornar musicista. Hoje, o que resta é a saudade de um amor que se desfez com o tempo. Seus dedos tímidos nos revelam, vagamente, algumas memórias de notas das composições que tocava, embora muito, as lembranças do tempo da juventude fazem escorrer entre lágrimas a emoção de rever fotografias em meio à nostalgia.

Kathia



Kátia possui uma presença que cativa e seu amor pela música transborda em cada palavra que pronuncia. Durante sua entrevista, ela fala como foi sua trajetória no meio musical, desde menina. Ao nascer, Kátia nos conta que a banda da cidade tocava no mesmo instante e, a partir daí, já não tinha como escapar dessa paixão. Fez curso técnico na área musical e depois cursou o ensino superior no mesmo campo. Hoje, ela leciona no Centro Livre de Artes e o encontro com seus alunos é o que mais a cativa, “quando damos, nós recebemos muito”, como ela mesma nos ensina. Em um armário, Kátia achou um antigo acordeom de 80 baixos e o desejo de conhecer e experimentar, foi um convite a desbravar o instrumento. Escutar essa grande mulher e apreciar sua história, é o mesmo que se apaixonar pela vida e suas simplicidades. Em cada narrativa que constrói o cerne deste documentário, nos reinventamos alicerçados pelo poder transformador da música.

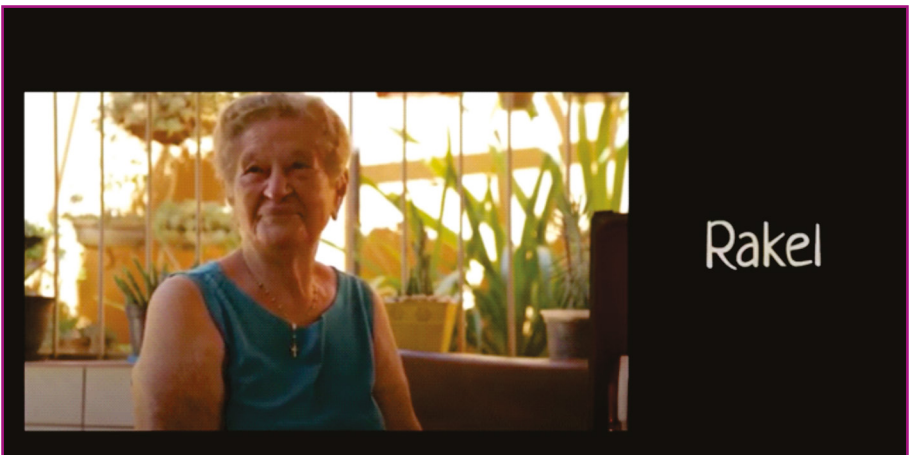


*Sob os cuidados da insistência, vontade e prontidão
o afeto cultivado pelo que se ama,
entra em movimento pelo vai e vem de um acordeom.
Encontra-se vida, em meio à tristeza
e concebe o amor como algo que inquieta a alma e a faz pulsar.*

*Do cantarolar melodias de outrora,
invocamos histórias,
dançamos no tempo e então repousamos em uma nostalgia doce
que nos convida a interagir, fazer e ouvir em conjunto*

Crescer e acontecer junto é o caminho, não tem técnica

Rakel



A primeira visita na casa de dona Rakel foi como visitar nossos avós. Nos recebeu com muita hospitalidade e no fim, ainda tivemos café da manhã. Ela nos contou sua história de vida e nos emocionamos do início ao fim. Órfã de pai e de mãe, como ela mesma diz, Rakel e seus irmãos ficaram de casa em casa, até serem adotados por um tutor, amigo de seu falecido pai. A vida foi dura desde menina, mas a referência de mulher independente e amorosa veio de sua irmã Ruth. Os olhos de Dona Rakel transbordam de água, ao relembrar a imensa saudade de sua irmã. A sanfona encontrou espaço em sua vida após recebê-la como presente de sua outra irmã. Hoje, entre a poeira do tempo, ela ainda possui o instrumento guardado em casa, embora muito os contratempos da vida a distanciaram do acordeom.

3. Encerramento

Incrível é sentir como os caminhos se cruzam com tamanha facilidade. Mulheres que não se conhecem, mas cujas histórias se cruzaram através da sanfona.

Grande é a fome que temos em descobrir como um instrumento atravessa e resgata memórias.

Viagens, conversas, cansaços e descobertas.

Adentramo-nos num processo de buscas e encontramos o que então procurávamos.

Como a música é capaz de adentrar particularidades e se fazer morada?

Como um som único atravessa e faz acontecer histórias e trajetórias?

E, talvez, para nossa surpresa, ele já estava ali, apenas esperando que alguém os dessem as mãos.

Dona Raquel, com suas memórias de infância, guarda seu acordeom, presente de sua irmã.

Dona Divina, criada nas roças de Uberaba, carrega a memória do pai folião viva, projetando em sua neta a saudade e a alegria de ver reverberar, na sanfona, sua própria história de menina.

Dona Alessandra, saudosa meninice, dos tempos que tocava sanfona no bar do pai, dos tempos de conservatório de música, revisita, em sua fotografia, a juventude nos bailes e rádios. Relembra seu vestido e lágrimas escorrem pelo seu rosto.

Professora, musicista e apaixonada pela vida e seus encontros, Kátia nasceu enquanto a banda da cidade passava e, desde então, a música reverberou na infância, juventude, a fazendo pulsar através do acordeom.

Thaís e Daniela, uma nova geração de mulheres sanfoneiras, mostram todo seu talento e força, que reverberam no fole do acordeom.

Algo nasce, desperta, revive e pulsa. Saudade de um amor que se desfez no tempo, mas que a lembrança e a memória permanecem vivas.

A POESIA É:

*horizonte orquestrado por cigarras
a mando de expectativas de rio cheio
implora aos rabos de cometa que intercedam
em favor dos peixes às nuvens displicentes
o rogo recai sobre a volta da música fluvial
que metaforiza a quebra de silêncio da margem
pertencente aos sapos, grilos e iniciar de tarde
o fazimento depois de pronto
o fazimento atendido
mata saudade de leito
de peixe
e de água*

Aline Gomes Souza-Zagucha

CRÍTICAS DUVIDOSAS PARA PESSOAS DESASTROSAS¹

Eduardo Riudy Uto²

CONTO DE JOÃO

João era um garoto pobre, mas de coração nobre
morava com sua mãe e irmão, que nele davam sermão
o mesmo vivia sem seu pai, pai falecido, foi morto e ferido.

Ele estudava numa escola simples, mas ainda na cidade
o mesmo não se importava tanto com estudos
só queria ir pra casa, jogar e relaxar.

De dia comia, de noite, sofria
Ô fome miserável, não é que causa uma azia?
Essa é a história de João, um homem como qualquer
Existem muitos joãos, como grãos de feijão.

Não, ele não é especial, não é ninguém sequer lembrado
Por ser considerado alguém legal
desculpa lhe decepcionar, mas quando se morre como João
você apenas morre, desculpa, irmão.

¹ A escrita dos poemas foi mantida na íntegra.

² Discente da 1ª série do Ensino Médio no CEPAE. E-mail: riudyeduardo@gmail.com

CONTO DE MAURÍCIO

Maurício era um aluno qualquer
Caucasiano do subúrbio, como qualquer um é.
Com pai, mãe e uma família, vivia sua vida
sem se preocupar com rivalidade, com “Pilha”.

Estudou em escola pública na vida toda, numa federal
Educado e não-regrado, era assim, em seu passado Decidiu ser diferente, andar
com os cria, viver entre “os da gente”.
Achava legal estar na moda, fumar erva e jogar bola.

Fui chutado de casa, pra virar gente, criar vergonha e esconder os dentes
saía pra fora da aula, achava aula chata, virou pessoa mimada
Mas a vida como um bote, lhe acertou,
quando no meio do estádio de futebol, a polícia lhe parou.

Apanhou como mula, nem parecia que era gente
me pergunto agora, como ele não perdeu os dentes.
Ele não era pardo, mulato nem negro
mas com certeza ficou um pouco mais escuro
quando da polícia, sentiu na cara o escudo.

Não tem nada envolvendo sua cor, realmente
Tinha haver com o que ele fazia, era diferente
Nem sempre ser diferente é motivo de orgulho
quando por causa de um fumo, um “bagulho”
tu pode morrer, como mais um moribundo.

CONTO DE SANTOS

Santos era um garoto diferente, não era “da gente”
ele era isolado, pouco conhecido, muito desprezado
não por algo que fez, mas porque ele não combinava com seu ambiente.

O mesmo desenhava coisas obscenas em seu computador
jogava o dia todo com seus amigos online
até suas mãos ficarem com muita dor.

Era um vampiro moderno, só vivia debaixo de um teto
dia era hora de dormir, noite era hora de existir.
Ele não tem nada de especial, ele é só um garoto
que tem uma falta de motivo existencial.

CONTO DE ALEX

Alex não era de cá nem lá
não torcia pra A, nem B.
Era diferente, de fato, reluzente.

Vivia estranhando tudo, com medo do mundo
pois não sabia o que falar, sem em casa apanhar
Temia pai e mãe, família católica.
Esse é o conto de Alex, pessoa como nós
Mas, que diferente de nós, queria dar a sua voz
Nem homem nem mulher, algo além disso
uma ideia a nascer, que teme nunca mais viver.

CONTO DE MARIA

Ave, Maria, ave, Maria!
era uma mulher normal, sem nada de especial
porém enquanto fez nada, cometeu um crime mortal
nasceu onde não devia, onde abusado tinha
Toques e movimentos, palavras sem sentimentos
Temia quem não fosse de seu sexo
pois com ela, perdiam o nexo

Coitada de Maria, não há nada o que dizer
pois ela teme demais pra algo fazer
Coitada.

CONTO DE LEANDRO

Leandro era estudante, meio bagunceiro
fumava uma legal, bastante baladeiro
porém, em meio a essa máscara, escondia um homem inseguro
Só queria chorar, mas o que os olhos vão pensar?

Diamante virou algo negativo, algo que lhe deixava apreensivo
Mãos lhe tocam e olhos lhe olham, olhos andarilhos lhe notam
Temia parecer fraco, temia estar um caco.

Não tenho mais nada a dizer.
Digam menos e façam mais
Pra pobre Maria
Pro Pobre Leandro
Pobre Alex.